GRANDES REPORTAGENS DE *PLACAR*

SANTOS

- A ERA PELÉ
- OS MENINOS DA VILA
- OS TÍTULOS ESTADUAIS DE 73, 78 E 84
- A CONMEBOL DE 98
- 23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

CR$ 3,90
1204-A NOV 01
454
7 893614 010731
WWW.PLACAR.COM.BR

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

PLACAR nasce em março de 1970, ano em que o Santos deu uma contribuição fundamental para a maior vitória do futebol brasileiro em todos os tempos, a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Os santistas Carlos Alberto, Clodoaldo e Pelé eram titulares do time que encantou o mundo e para muitos é o melhor de todos os tempos. Pelé deixou o Santos em 1974 e sua marca até hoje é um peso sobre as novas gerações do clube, que não têm culpa se não conseguem se alçar a um nível que poucos clubes da história do futebol alcançaram. Isso não impediu a torcida de viver grandes momentos, como os títulos paulistas de 1978 e 1984, as finais de Brasileiro de 1983 e 1995, a Conmebol de 1998. São essas e outras histórias que esta edição especial de PLACAR, com 23 textos originais da revista (entre tantas reportagens maravilhosas que poderíamos ter escolhido), que oferecemos a você.

P.S.: A camisa do Santos que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Zé Carlos no jogo Santos 1 x 1 Fortaleza, em 18 de julho de 1974, no Pacaembu.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204-A (ISSN 0104-1762), ano 32, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

O PRIMEIRO JOGO DOS CAMPEÕES do mundo santistas, Carlos Alberto, Clodoaldo, Pelé e Edu, após a conquista do tri no México, foi uma exibição de gala contra o Palmeiras

O ESPETÁCULO!

Domingo, dia 5, o jogo entre Santos e Palmeiras deu uma pequena imagem do nosso futebol tricampeão do mundo

>> POR NARCISO JAMES

Pelé voltou aos nossos campos, e com ele a beleza e os gols que estavam fazendo falta ao Campeonato Paulista. Com a volta de Pelé, o Santos voltou a vencer: 2 x 0 contra o Palmeiras. César, depois do jogo, foi ao vestiário do Santos. Ele tinha entrado com força em Rildo e foram lhe dizer que Rildo estava com a perna quebrada. Os dois se abraçaram, sorriram. Leão foi abraçar Pelé e Baldocchi cumprimentar os jogadores.

Enquanto isso, as 27 252 pessoas que foram ao Morumbi ver o jogo ficaram esperando os ônibus que a CMTC deveria ter providenciado. Longas filas se formaram e começaram as reclamações.

A polícia fez um cordão de isolamento em volta do ônibus do Santos. Todos queriam ver de perto seus jogadores, abraçar Pelé.

Na confusão, o técnico Antoninho fala da vitória:

— Pelé voltou como um menino de 18 anos, com fome de bola. Ele e o Leo jogaram juntos pela primeira vez, por isso o ritmo ficou lento. Com a entrada de Lima ganhamos em rapidez. Não houve segredo, fomos atacando com calma até fazer os gols. Pra mim, Carlos Alberto foi o melhor. Depois o Rildo.

A derrota do Palmeiras foi explicada aos diretores e à imprensa. Neste desabafo:

— Assim não dá, parecia que o time inteiro estava bêbado.

Um gol em cada tempo. Aos 39 minutos, Edu fingiu bater direto uma falta na meia direita, mas abriu para Carlos Alberto. Um centro da linha de fundo, Manuel Maria errou o chute, a bola bateu em Ademir e entrou.

Três minutos depois, um exemplo de como está Pelé: César foi lançado por Ademir, passou para Ramos Delgado e ia entrando livre na área quando Pelé chegou correndo, tirou-lhe a bola e saiu jogando.

O outro gol, aos 27 minutos do segundo tempo. Lima rolou a bola para Edu, livre pela esquerda. Edu andou, parecia estar brincando, e chutou de curva. Leão pensou — como todo mundo — que a bola ia cruzar em frente ao gol e saiu para cortar. A bola fez uma curva, passou por trás de Leão e entrou quase no ângulo.

Por que os jogadores que chegaram da Seleção estão correndo bem mais que os outros? A explicação do Dr. Ítalo Consentino:

— Ao se adaptarem à altitude de 2 200 metros, eles tiveram um aumento nos glóbulos vermelhos do sangue. Agora, jogando na altitude de 936 metros, podem gastar mais energias que os outros.

O que diz Carlos Alberto:

— Depois de uns dias de descanso, agora estou sentindo os benefícios da preparação que tivemos na Seleção. Nunca me senti como agora, com tanta vontade de jogar futebol.

"A POLÍCIA FEZ UM CORDÃO DE ISOLAMENTO EM VOLTA DO ÔNIBUS DO SANTOS. TODOS QUERIAM VER DE PERTO SEUS JOGADORES, ABRAÇAR PELÉ"

5/7/70 MORUMBI (SÃO PAULO)
SANTOS 2 X 0 PALMEIRAS
J: José Favilli Neto; **R:** Cr$ 140 799; **P:** 27 252; **G:** Manuel Maria 39 do 1º; Edu 27 do 2º
SANTOS: Joel, Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Djalma Dias e Rildo; Clodoaldo e Leo (Lima); Manuel Maria (Abel), Douglas, Pelé e Edu. **T:** Antoninho
PALMEIRAS: Leão, Neves, Baldocchi, Nélson e Dé; Dudu (Cabralzinho) e Ademir da Guia; Copeu, Jaime (Cardoso), César e Pio. **T:** Rubens Minelli

Manuel Maria chuta, a bola desvia em Ademir da Guia e engana Leão

NAQUELA ÉPOCA, CADA VEZ QUE CRUZEIRO E SANTOS SE ENFRENTAVAM, era garantia de espetáculo. Este jogo, pela Taça de Prata de 1970, foi um dos melhores da série, mesmo sem Pelé

UM SHOW? NÃO, É UM JOGO DE DEUSES

Eram 22 deuses do futebol no Mineirão, tão iguais que se diferenciavam apenas pela cor das camisas

>> **POR ARTHUR FERREIRA**

Cruzeiro 1 x 1 Santos, domingo no Mineirão, pode ser resumido assim: 90 minutos dos mais fantásticos da história do futebol

As 50 513 pessoas que encheram as arquibancadas do Mineirão, domingo, puderam assistir a uma grande partida de futebol, mesmo sem o brilho da coroa de Pelé ou daquela característica de show que têm todos jogos entre Santos e Cruzeiro.

Quando o técnico Antoninho, do Santos, entregou a camisa 10 ao menino Nenê, as regras do jogo mudaram. Os jogadores que ali estavam com as camisas alvinegras respeitaram a ausência de Pelé e não cometeram o pecado de tentar realizar um show de futebol — limitaram-se a jogá-lo apenas.

Mas, no gol santista, pulando dentro daquele uniforme negro, um goleiro desconhecido em Minas assombrava a torcida do Cruzeiro, fazendo lembrar muito a imagem de Iashin, o Aranha Negra, um dos maiores goleiros do mundo. Era Cejas, estreando no time de Pelé. E Tostão, como prometera, voltou a jogar seu futebol de sempre, inteligente, brilhante, destacando-se no meio do futebol de tantos craques. E Clodoaldo? Espalhou seu futebol por todo o gramado do Mineirão, destruindo, armando, atacando e defendendo.

O suposto cansaço do Santos, provocado por sucessivas viagens e jogos, em nenhum minuto do jogo diminuiu a força de seu ritmo. O Cruzeiro, também time de craques, jogou como o adversário, fazendo a bola rolar pelo campo com o mesmo respeito e a mesma habilidade. Eram 22 deuses do futebol no Mineirão, tão iguais que se diferenciavam apenas pela cor das camisas. O desequilíbrio deveria ser Pelé. Mas ele não jogou.

Este era o terceiro jogo de Brito no Mineirão — e até ali a torcida do Cruzeiro não havia tido dele o mínimo motivo para queixas. Mas bem que Brito poderia ter tirado aquela bola da área, antes que ela chegasse aos pés de Piazza e daí fosse aos pés de Nenê. Ele não tirou, e ali nasceu o primeiro gol do jogo: Santos 1 x 0, Nenê.

Mas foi exatamente carregando este sentimento de culpa que o sr. Hércules Brito Ruas, 31 anos, tricampeão do mun-do, partiu para o ataque e ajudou o Cruzeiro a encontrar o empate. Havia uma falta na intermediária, no estilo de Tostão cobrar, no lado certo de Tostão cobrar. E Tostão estava lá, ao lado da bola. Mas Brito veio correndo lá de trás, gritando, e ameaçou chutar na corrida.

E todos se prepararam para o chute de Brito. Toda a defesa do Santos, inclusive Cejas. Mas quando eles perceberam que o chute não seria de Brito, já era tarde: o raciocínio de Tostão havia sido mais rápido, o toque saiu, sutil — e a bola foi, desconcertante e mansamente, cair nas redes de Cejas, o homem que até ali assombrava o Mineirão. Tostão sorriu, correu, ergueu os braços para Brito, os dois se abraçaram e o Mineirão se levantou para aplaudir.

E até depois do jogo, nos vestiários, aquele lance era comentado. Ninguém no Cruzeiro havia ensaiado aquela jogada. Ela figurou, apenas, como parte de tantas outras realizadas ali, na presença de 50 513 pessoas, naquele empate de campeões do mundo.

"ERAM 22 DEUSES DO FUTEBOL NO MINEIRÃO, TÃO IGUAIS QUE SE DIFERENCIAVAM APENAS PELA COR DAS CAMISAS. O DESEQUILÍBRIO DEVERIA SER PELÉ. MAS ELE NÃO JOGOU"

27/9/70 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 1 X 1 SANTOS
J: José Aldo Pereira (GB); **R:** Cr$ 218 155; **G:** Nenê e Tostão
CRUZEIRO: Raul, Pedro Paulo, Brito, Piazza e Vanderlei; Zé Carlos e Dirceu Lopes; Natal, Evaldo (Eduardo), Tostão e Hílton Oliveira (Rodrigues). **T:** Filpo Núñez
SANTOS: Cejas, Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Djalma Dias e Turcão; Clodoaldo e Lima; Manoel Maria, Douglas (Picolé), Nenê e Abel (Léo). **T:** Antoninho

Pelé não jogou: mesmo assim,
a partida entrou para a história

JÁ EM 1970 se colocava o problema da crise financeira do clube, que o obrigava a viajar pelo exterior exibindo Pelé. A análise de PLACAR mostra os erros na administração daquele supertime

O ESTRANHO MUNDO DO SANTOS, FEITO DE DÓLARES

O Santos pode não ter uma organização à altura do seu time. Mas ainda é o único que conseguiu conquistar o mundo, que lota um estádio de futebol nos EUA, que ganha 20 mil dólares por jogo no exterior

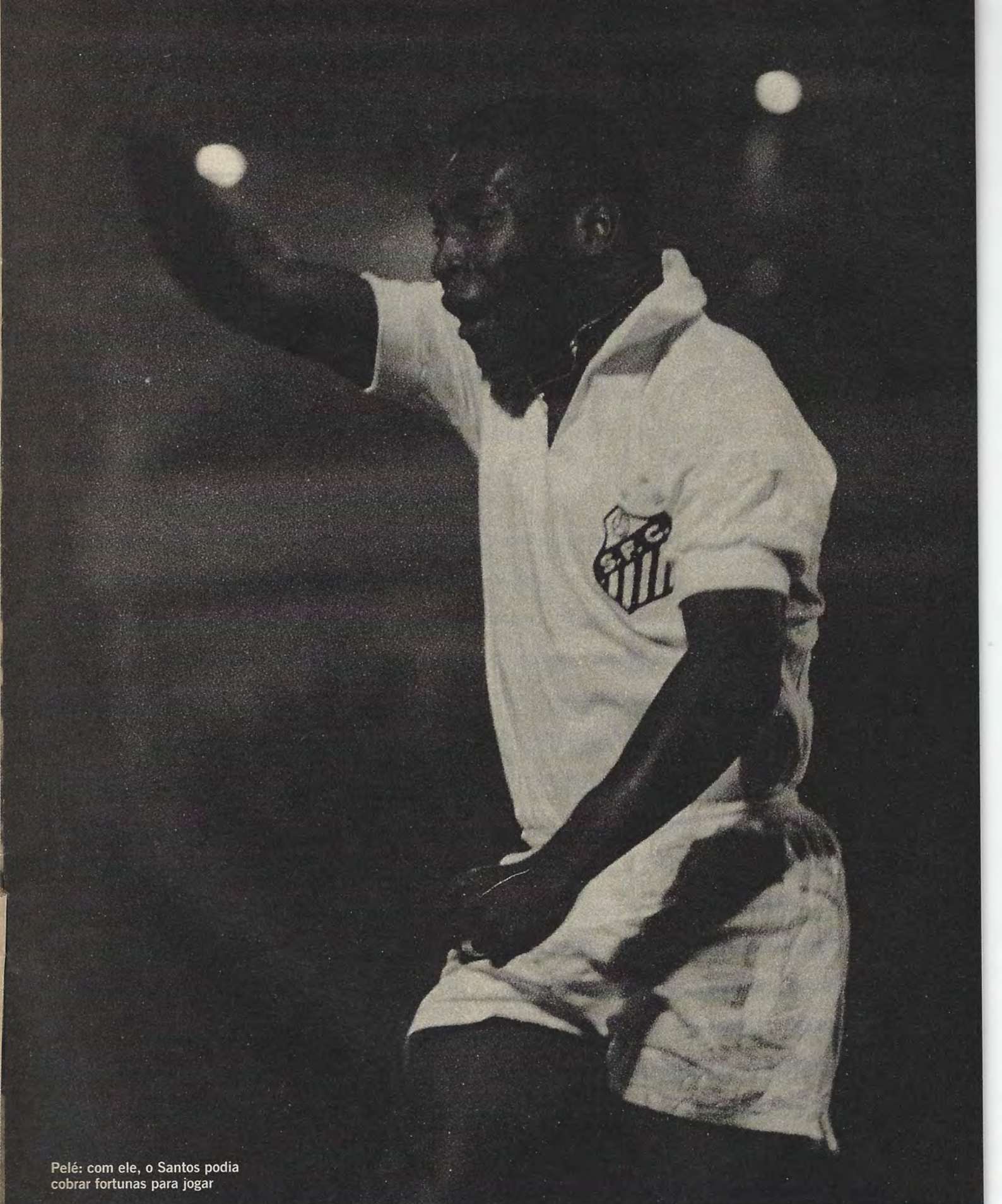
POR MICHEL LAURENCE

Se você fosse dono de um time de futebol e esse time tivesse um jogador como Pelé, o que você faria? Colocaria Pelé em campo apenas uma vez por mês, como um bom comerciante? Ou faria assim: para quem quisesse ver Pelé o ingresso seria mais caro? O time adversário teria que pagar uma cota extra a seu time, pois a renda seria bem maior? Ou melhor ainda: esperaria que os convites do exterior aparecessem (porque o Brasil sendo o campeão do mundo, eles têm que aparecer) e se exibiria poucas vezes por ano, mas por cotas cada vez maiores?

O Santos está fazendo o seu comércio errado, mas ainda é o clube que consegue faturar as cotas mais altas entre os times brasileiros. No meio do ano, excursionando com um time misto pelas Américas; fez 14 jogos, dois a 10 mil dólares e os demais a 4 200 dólares (cerca de 21 mil cruzeiros). Muitos times, com seus quadros titulares, fazem excursões por muito menos do que isso.

Agora mesmo o Santos pediu pelo amor de Deus à CBD para poder usar, na sexta- feira passada, seus jogadores campeões do mundo em um jogo amistoso no Peru, onde receberia mais 20 mil dólares. Mas a CBD, que finalmente concordou com o jogo no Chile no domingo passado, negou-se a emprestar os jogadores do Santos ao próprio Santos e o clube não pôde ganhar mais esse dinheiro.

Quanto seria normal o Santos cobrar por uma apresentação de seu time agora, depois do Brasil tricampeão do mundo? Depois de Pelé voltar a ser considerado o maior jogador do mundo? Depois de Clodoaldo ser considerado, por grande parte da imprensa estrangeira, como o melhor jogador da Copa do México? Depois de Carlos Alberto ter levantado, pela última vez em disputa, a Taça Jules Rimet? Sessenta mil dólares seria o mínimo, dez anos depois de o Real cobrar 40 mil.

Mas o Santos não pode esperar. Tem que pagar imediatamente as prestações do Parque Balneário. Tem dívidas nos principais bancos de Santos. Dificilmente consegue levantar dinheiro, o dinheiro de que precisa urgentemente.

Voltando ao exemplo do jogo no Peru, que não foi realizado porque a CBD não pode emprestar os jogadores do Santos, a atitude certa a ser tomada talvez fosse a de colocar o próprio presidente da Federação Peruana de Futebol (Teófilo Salinas, também presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol), em contato direto com João Havelange, presidente da CBD e candidato à presidência da Fifa. Em vez disso, um clube como o Santos, que deveria viver dos favores que já prestou à CBD, fica se humilhando, quase rastejando, pedindo-lhe pelo amor de Deus para "quebrar o seu galho". E a cada favor que recebe o Santos vai ficando cada vez mais escravo da CBD.

Até quando a mística irá resistir? Zito responde:

— Acho que o Santos resistirá por mais alguns anos. Com cotas menores, claro, mas sempre excursionando.

O que não seria o Santos com uma organização? Com uma retaguarda financeira bem estruturada? Pena que Pelé não seja eterno.

"O QUE NÃO SERIA O SANTOS COM UMA ORGANIZAÇÃO? COM UMA RETAGUARDA FINANCEIRA BEM ESTRUTURADA? PENA QUE PELÉ NÃO SEJA ETERNO"

Pelé: com ele, o Santos podia cobrar fortunas para jogar

O REI COMPLETAVA MIL JOGOS na carreira num obscuro amistoso no Suriname. O enviado especial de PLACAR levou uma camisa e uma Bola de Prata (Ele era Hons-concours, não disputava com mortais) para celebrar a marca

PELÉ, MIL JOGOS PELOS CAMPOS DO MUNDO

Mil jogos, presentes, festa. Mais do que tudo isso, para Pelé valia a felicidade de ajudar a diminuir o número de mortos no Suriname

» POR LEMYR MARTINS

Oito horas da noite, dia 28 de janeiro de 1971. O Suriname Stadium, com capacidade para 13 mil pessoas e único em Paramaribo, começa a viver os momentos mais importantes em toda sua história. Dentro de alguns minutos Pelé estará começando a jogar sua milésima partida, além de ajudar, com a sua presença, para a queda do índice de mortes por acidente de trânsito na cidade em 70%.

Com o lucro desse jogo os organizadores vão iniciar a construção de um viaduto, perto do mercado, na zona comercial mais movimentada de Paramaribo e onde, no ano passado, houve 104 mortes. Em maio Pelé deve voltar a Paramaribo para inaugurar o viaduto, que terá o seu nome e que, praticamente, acabará com esse problema.

O Transvaal, campeão da cidade, é o primeiro a entrar em campo. Às 8h10, tendo Pelé como capitão, o Santos aparece e ganha mais aplausos.

Como é um jogo especial, os jogadores não ficam um ao lado do outro: formam um círculo e, no meio dele, fica Pelé. Um por um, os jogadores vão abraçar Pelé. O estádio inteiro, inclusive o primeiro-ministro, o representante da rainha e as demais autoridades de Paramaribo, não pára de gritar o nome de Pelé.

Ele ganha taças e lembranças e, do Brasil, apenas um presente. O primeiro-ministro anuncia que PLACAR vai entregar a Bola de Prata ao atacante. Pelé veste a camisa de PLACAR e posa ao lado dos jogadores do Transvaal. Todos eles querem ficar com essa camisa, mas Pelé se desculpa, explicando que vai guardá-la como lembrança da única homenagem do Brasil.

No meio de toda essa festa, Pelé não esquece de pedir ao governador e representante da rainha o perdão para os jogadores punidos pela Federação. Um deles, Grootfaan, estava até proibido de jogar futebol, pois ameaçara o juiz de agressão. Alguns minutos depois o governador anuncia que todos estão perdoados e o público aplaude.

No estádio um torcedor está bastante nervoso. Ele é Marius Pinas, um crioulo de cinqüenta anos, oito filhos e que é chamado de "Pinas Pelé" por seus amigos, tão grande é a sua admiração pelo brasileiro. Marius tirou três dias de licença da firma onde trabalha "para acompanhar Pelé e tirar uma foto ao seu lado". Marius queria até pedir a Pelé que passasse por cima dele, antes de pisar em solo do Suriname.

Como ele, o restante do estádio está impaciente. São 31 minutos e Pelé não fez o seu gol. Mas nesse momento, Edu, depois de driblar vários adversários, é derrubado na área. O juiz ainda fica em dúvida, mas o bandeirinha confirma que foi dentro da área. É o bastante para o estádio todo começar a gritar "Pelé, Pelé". Com calma, ele caminha para a marca de pênalti. Trinta e dois minutos: o juiz Schakot apita, Pelé corre para a bola, dá a paradinha, chuta no canto direito e o goleiro Baron cai para o esquerdo. Depois, com a mesma tranqüilidade, caminha para o meio.

O público se entusiasma, pede outro gol a Pelé começa a correr com maior disposição e o público fica triste: ele vai para o vestiário, dando lugar a Marçal.

"O PRIMEIRO-MINISTRO ANUNCIA QUE PLACAR VAI ENTREGAR A BOLA DE PRATA AO ATACANTE. PELÉ VESTE A CAMISA DE PLACAR E POSA AO LADO DOS JOGADORES DO TRANSVAAL"

26/1/71 SURINAME ST. (PARAMARIBO)
TRANSVAAL 1 X 4 SANTOS
J: Schakot; **G:** Árlem 7 e Reumel 14 do 1º; Edu 7, Pelé (pênalti) 35 e Edu 42 do 2º
SANTOS: Cejas, Lima, Ramos Delgado, Orlando e Turcão; Leo e Pitico; Árlem, Douglas, Pelé e Edu. **T:** Antoninho
TRANSVAAL: Baronm, Norlan, Gesser, Sordan e Boschman; Klimpsop, Lagadu e Bundel; Van Bur, Schal e Bramerloo (Sing).

Pelé com a camisa e a Bola de Prata oferecidas por PLACAR

ERA O TEMPO em que o time passava metade do ano fora do Brasil, exibindo-se planeta afora. PLACAR acompanhou uma dessas viagens, a Santa Cruz de la Sierra, dando uma idéia da histeria que Pelé provocava

É FESTA, O REI ESTÁ NA TERRA

Santa Cruz é uma cidade boliviana, com pouco menos de 100 mil habitantes. Quando Pelé chegou, a cidade parou para saudá-lo

>> POR LEMYR MARTINS

"Senhoras e senhores, o Rei Pelé jogou 90 minutos em Santa Cruz de la Sierra" — foi asim que o narrador da rádio da cidade encerrou sua transmissão. O Santos ganhou de 4 x 3, e o maior sonho da população de uma pequena cidade boliviana se tinha realizado: tinha visto Pelé jogar.

Ninguém se importou com as reclamações da igreja, que achou muito alta a cota (23 mil dólares) paga ao Santos, explicando que o dinheiro poderia ser mais bem empregado. A multidão estava feliz.

Tudo foi bem pensado, mas quando o avião que conduzia a delegação chegou a Santa Cruz, por volta das 11 horas, encontrou uma multidão no aeroporto: tinha gente que havia chegado às 4h, dia clareando, em busca de um melhor lugar para ver "o maior espetáculo do mundo" (Pelé), como anunciavam os cartazes no centro da cidade.

Quando Pelé pisou a escada do avião, o cordão de isolamento formado pela polícia não agüentou e a pista foi invadida.

Pelé nem mesmo tentou se proteger — continuou a andar calmamente, como se nada de anormal estivesse ocorrendo. Um policial enorme, à paisana, 120 quilos, colocou-se à frente de Pelé e o protegeu a socos e empurrões.

Daí para a frente começaram a acontecer coisas fantásticas. Os muros que cercam o Hotel Cortez, cobertos de ponta a ponta de cacos de vidro, ficaram apinhados de crianças, homens e mulheres das 7 da manhã às 10 da noite.

A polícia montava guarda no hotel, mas mesmo assim centenas de pessoas circulavam por seus corredores. Mães e filhas traziam flores, presentes, até um casco de tartaruga foi apresentado a Pelé, para que ele o autografasse.

Difícil mesmo para Pelé foi driblar os muitos pedidos de ajuda, alguns muito estranhos: houve um homem que queria um carro para trabalhar na praça. Chato também foi aturar a impertinência de um dos adidos de nossa embaixada na Bolívia, que pensou que fosse ele o rei da festa.

Dia do jogo: dezenas de meninos acompanharam o ônibus do Santos, do hotel ao campo. Pelas ruas de Santa Cruz (ruas estreitas, casas com sacadas sustentadas por colunetas, em estilo bem antigo), o povo saudava a passagem do Rei. Nem todo mundo pôde ver "o maior espetáculo do mundo". Cada ingresso custava 5 dólares, um dinheirão para uma cidade pobre como Santa Cruz. Por isso mesmo foram colocados à venda há três meses, a prazo.

No segundo tempo o Santos liqüidou a questão com o quarto gol. Mas o Petrolero voltaria a marcar, num pênalti que o juiz apitou muito sem jeito:

— Don Cejas, o sr. me desculpe. Mas eu tinha que apitar.

Se a ida foi uma festa, a volta foi um sacrifício: o ônibus não podia andar. Torcedores se colocaram na frente, à espera da sua vez de olhar Pelé de perto. O motorista ficou nervoso e resolveu abrir passagem de qualquer maneira, na base da aceleração. Tinha gente até na coberta do ônibus — um tentava esvaziar os pneus. Pelé pedia calma. Ferreti perdeu a calma e resolveu dar um cascudo no homem que tentava esvaziar o pneu.

"O PETROLERO VOLTARIA A MARCAR, NUM PÊNALTI DE CEJAS, QUE O JUIZ APITOU MUITO SEM JEITO: 'DON CEJAS, O SENHOR ME DESCULPE. MAS EU TINHA QUE APITAR'"

23/5/71 WILLIAM BENDECK (STA. CRUZ)
ORIENTE PETROLERO 3 X 4 SANTOS
J: Jorge Antequera; **G:** Dedé, Walter (contra), Toninho, Ferreti e Edu, no 1º tempo; Pelé e Báez (pênalti), no 2º tempo
ORIENTE PETROLERO: Jiménez, Antelo, Báez, Justiniano e Walter; Moreno e Vargas (García); Dedé, Flores (Jocabalo (Zapata)), Toninho (R. Méndez) e Amarilla (Benquica).
SANTOS: Cejas, Orlando, Djalma Dias (Paulo Davoli), Oberdã (Djalma Dias) e Turcão (Lima); Clodoaldo (Léo) e Nenê; Davi, Ferreti (Douglas), Pelé e Edu (Abel). **T:** Mauro Ramos de Oliveira

O Santos em Santa Cruz de la Sierra: "El mayor espetáculo del mundo"

O PERNAMBUQUINHO revelou o submundo do futebol num depoimento histórico publicado por PLACAR numa série de reportagens. Neste trecho, a história da decisão Santos x Milan de 1963

EU E O FUTEBOL

Com uma bolinha na cuca, eu entrei no campo como um touro miúra. Tomei uma resolução:
— Logo de cara, eu vou acertar o Amarildo

» DEPOIMENTO A FAUSTO NETO E MAURÍCIO AZÊDO

Naquele Santos x Milan de 14 de novembro de 1963, aqui no Maracanã, eu entrei muito doido no campo. Antes de começar o jogo, Alfredinho, então assistente técnico do Lula, treinador do Santos, me chamou e falou claro, porque aquilo era normal, tão normal quanto a distribuição de camisas:

— Você quer tomar uma bola?

Por que eu não ia querer? O bicho pela conquista do bicampeonato mundial de clubes era de 2 000 cruzeiros: dava para comprar um Volkswagen zerinho. Nós entrávamos no campo vendo o automóvel ao alcance da mão. Do outro lado estavam os caras que podiam impedir isso. Era preciso então fazer tudo, a gente se matar dentro do campo, pra não deixar que eles faturassem o nosso bicho.

— Quero, sim. Me dá uma aí.

Depois que Alfredinho me deu a bola, fiquei doido, na vontade mesmo. Eu estava substituindo o Pelé, que tinha se machucado, e precisava dar tudo de mim, porque substituir o Negão é muita responsabilidade. O Santos tinha um timaço, mas naquela noite estava sem as suas duas peças principais: Zito, que foi substituído por Lima, e Pelé, que estava com uma distensão na coxa. Eu peguei a camisa 10 e fiz uma promessa a mim mesmo:

— Vou jogar por mim e pelo Negão.

O jogo ia ser travado num clima de guerra. Na primeira partida, lá em Milão, o Milan havia derrotado o Santos por 4 x 2. Eu tinha uma diferença com o Amarildo. Em entrevistas à imprensa italiana, ele cansou de repetir que o Milan ia faturar o título fácil. Um jogador dizer isso é normal. Mas ele não ficou só nisso: disse também que Pelé "já era", que não era mais o rei. O jogo em Milão teria provado isso. Eu me esquentei com o negócio: um brasileiro falar mal do Pelé não estava certo. Com uma bolinha na cuca, eu entrei no campo como um touro miúra. Tomei uma resolução:

— Logo de cara, eu vou acertar o Amarildo.

Eu ia dar por mim e pelo Pelé, que nem sabia da minha intenção. Eu ia dar, e pronto. O cara que fala mal do Pelé tem que receber o troco na hora.

Com um minuto de jogo, Amarildo pegou a bola e fez uma jogada que executava no Maracanã desde os tempos em que jogou no Botafogo. Eu tinha sido advertido para isso no primeiro jogo, manjei bem o estilo dele; sabia a zona do campo onde poderia cercá-lo.

Ele descambou para a esquerda e procurou se aproximar da linha de fundo, por fora da área, para tentar o cruzamento com violência ou o chute direto ao gol. O danado tinha bom domínio de bola, driblava bem, chutava como gente grande. Ele vinha saçaricando, queria impressionar o público, estava naquela de mostrar que era o "Possesso". Mas possesso ali era eu. Corri em diagonal na direção dele, avisei ao Ismael e ao Mauro para fazerem a cobertura, disse logo que aquele era meu.

— Deixa esse filho-da-mãe comigo! Agora ele vai ver!

Foi um toco só. Ele caiu se contorcendo de dor, mas acho que fez cena demais: queria ver se o argentino Juan Brozzi me expulsava, e se assim o Milan começava logo com a vantagem de 11 contra dez. Eu não me perturbei, comecei a preparar a barreira.

Os italianos chiaram. O Maldini, capitão deles, falava pelos cotovelos, queria cavar a minha expulsão a qualquer preço. Eu nem dei bola, porque tinha a certeza de que a palavra de seu Nicolau Moran era mesmo pra valer.

— Você é rei lá dentro, Almir. Faz o que quiser. O juiz não vai fazer nada.

"O POSSESSO ALI ERA EU. CORRI NA DIAGONAL EM DIREÇÃO AO AMARILDO, DISSE LOGO QUE AQUELE ERA MEU. 'DEIXA ESSE FILHO-DA-MÃE COMIGO! AGORA ELE VAI VER!'"

14/11/63 MARACANÃ (RIO)
SANTOS 1 X 0 MILAN
J: Juan Regis Brozzi (Argentina);
P: 120 421; **G:** Dalmo (pênalti) 35 do 1º
SANTOS: Gilmar, Ismael, Mauro, Haroldo e Dalmo; Lima e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Almir e Pepe. **T:** Lula
MILAN: Balzarini (Barluzzi); Pelagalli, Benítez, Trapattoni e Trebbi; Maldini e Lodetti; Mora, Altafini, Amarildo e Fortunato. **T:** Luis Carniglia

BRÁS BEZERRA / JB

Dalmo converte o pênalti, Almir garante a vitória na raça

O SEGUNDO MAIOR ARTILHEIRO da história do clube assumia como treinador. Ele iria provar que também tinha talento fora das quatro linhas

O ESTILO PEPE

Ele carrega sobre os ombros a lenda de que técnico do Santos não entende nada. Mas não se preocupa, trabalha

» POR MICHEL LAURENCE

Ele tenta fazer com que sua imagem atual não se relacione em nada com a do brilhante ponta-esquerda de poucos anos atrás. Nunca entra em campo, para treinar o time, de calção. Usa uma bermuda, que lhe chega quase até os joelhos. Nunca usou um daqueles roupões de técnico; apenas uma camiseta, sem mangas. De tudo aquilo que o marcou como o segundo artilheiro do Santos em todos os tempos (superado apenas por Pelé), nem o topete ficou.

Pepe continua apenas com aquele chute mortífero de esquerda. Um chute que alcança sempre o ângulo e que atravessa distâncias incríveis.

Continua também com a mania de juntar histórias engraçadas das excursões do Santos. Tem um repertório imenso dos seus tempos de jogador e agora, como técnico, faz a mesma coisa.

— Nessa última excursão do Santos, no último jogo na Inglaterra, que perdemos por 3 x 2, o juiz validou o segundo gol inglês num impedimento escandaloso. Com 2 x 0 contra já não sabia mais o que fazer e resolvi entrar em campo, revoltado com o juiz. Cheguei perto dele e, agarrando-o pelo braço, lhe disse "Mister, I'm twice world champion, and you are uma bosta." Eu queria dizer que era bicampeão do mundo e que ele não prestava, mas na hora me faltou o palavrão em inglês e falei em português mesmo. É claro que o juiz ficou me olhando sem entender nada, mas o duro foi agüentar as gozações do Cláudio, que fala inglês correntemente, e que ainda dentro do campo ria feito um louco.

O jeitão de Pepe em contar essas histórias faz com que os jogadores, nos vestiários do Santos, estourem numa gargalhada só. Todos parecem mais amigos do que comandados, mas mesmo assim demonstram por Pepe um respeito que chega perto da admiração.

— Sabe o que é? Sou assim com eles todos, desde os juvenis até o Pelé. Mas quando tenho que tomar minhas decisões não vacilo. Não vá pensar que sou daqueles que dá moleza. Faz pouco tempo, tive que formar um misto para jogar em Santo André e relacionei alguns dos jogadores que têm um certo nome, mas não iam ser utilizados no jogo do Campeonato Paulista. Aí, alguns se revoltaram e reclamaram. Imediatamente respondi que eu, como bicampeão do mundo, em final de carreira, tinha jogado como ponta-direita em um amistoso em Guaxupé e como meia-esquerda entre os garotos no Parque Antártica. Só peço aquilo que eles podem e devem fazer. Afinal, o contrato que eles assinaram com o Santos não especifica que eles só tenham que jogar no time titular.

É inegável que, desde que Pepe assumiu a direção do Santos, o time vem melhorando muito. Antes dele, alguns técnicos, como Mauro Ramos de Oliveira e Jair Rosa Pinto, tinham fracassado na tentativa de reerguer um time de difícil solução, pelo passado. Mas, se ele conseguir essa façanha, não faltará quem diga que "com Pelé é fácil armar um time".

— Essa é a sina do técnico do Santos. O Lula e o Antoninho são exemplos disso. É verdade que Lula cometeu alguns erros, que a imprensa não esqueceu. Mas, apesar de ter pouca cultura, Lula entendia de futebol. Eu vou lhe dizer uma coisa: se o Santos conseguir ser campeão e ninguém se lembrar o meu trabalho, não vou ligar nem um pouco. Intimamente estarei satisfeito. E isso basta.

"RESOLVI ENTRAR EM CAMPO, REVOLTADO COM O JUIZ. CHEGUEI PERTO DELE E, AGARRANDO-O PELO BRAÇO, LHE DISSE 'MISTER, I'M TWICE WORLD CHAMPION, AND YOU ARE UMA BOSTA'"

O jovem treinador na decisão de 73: ser campeão bastava

FOI O FINAL MAIS ANTICLIMÁTICO DA HISTÓRIA do estadual. Santos, campeão do primeiro turno, e Portuguesa, campeã do segundo, simplesmente não chegaram ao final da decisão por pênaltis

COMO EM 35, SANTOS E PORTUGUESA CAMPEÕES

O Campeonato Paulista de Futebol passou a ser decidido não pela habilidade dos craques ou pela estratégia de Pepe ou Oto Glória. Zecão e Cejas, até ali heróis, sumiram do mapa. Nos corredores, os cartolas decidiram. Um final bastante ridículo

>> **POR CARLOS MARANHÃO E MICHEL LAURENCE**

— Vocês estão enganados: os crioulos jogam, mas não decidem nada. Quem decide as coisas no futebol são os dirigentes, os cartolas, como vocês dizem.

Foi há pouco menos de dois meses, em Dublin, no auge da crise entre os jogadores da Seleção e a imprensa, que Armando Marques disse isso.

Domingo, no Morumbi, ficou provado que ele tinha razão. Vinte e quatro jogadores do Santos e da Portuguesa jogaram os 90 minutos regulamentares, disputaram a prorrogação de mais 30 minutos, chegaram a ser cobrados seis pênaltis, mas afinal — por um inacreditável erro seu e uma fantástica decisão entre os presidentes da Federação Paulista de Futebol e dos dois clubes — Santos e Portuguesa foram declarados campeões.

Embora pareça incrível, Armando Marques, com toda a sua imagem de melhor juiz do Brasil, deu por terminadas as cobranças, declarando o Santos campeão. Como pôde o juiz esquecer que a série era de cinco pênaltis?

O Santos havia cobrado três e convertido dois; a Portuguesa também chutara três e não marcara nenhum. Com 2 x 0 para o Santos e ainda restando dois pênaltis, poderia haver empate, na hipótese — remota, mas possível — de o Santos desperdiçá-los e a Portuguesa aproveitá-los. Questão simples, matemática.

Nesse momento, os jogadores santistas começaram a se abraçar e Armando, com as mãos, dava tudo por acabado. Enquanto ele descia para seu vestiário, o Santos iniciava a volta olímpica.

A princípio, parecia que o Morumbi inteiro não percebia o que estava acontecendo. Em poucos instantes, porém, correu a notícia do medonho erro do juiz. Repórteres faziam contas, torcedores se perguntavam se aquilo era verdade e cartolas se entreolhavam, perplexos. Nervoso, primeiro com a cabeça mergulhada nos braços, depois andando no vestiário de um lado para o outro, Armandinho repetia:

— Me crucifiquem, me crucifiquem! Eu errei...

Foi um erro de direito, que permitiria à Portuguesa entrar com um recurso pedindo a anulação do jogo. A primeira reação do técnico Oto Glória foi dizer que isso era bobagem. Logo depois, alguns dirigentes da Portuguesa acharam a idéia muito boa e se apressaram em mandar seus jogadores para fora do estádio o mais rápido possível, evitando que tivessem de voltar ao campo.

O presidente da Federação, José Ermírio de Morais Filho, e o vice da Portuguesa, Manoel Mendes Gregório, foram ao vestiário do juiz e, ali, Armando Marques voltou a reconhecer que havia errado.

O que fazer? Tudo isso foi decidido rapidamente numa reunião. Salomonicamente, a Federação proclamou ambos campeões.

— Faltam datas para novo jogo — justificou José Ermírio.

Os dirigentes da Portuguesa saíram satisfeitos da reunião, recebendo cumprimentos e tapinhas nas costas. Vasco Faé, presidente do Santos, também estava risonho, mas Clayton e Sérgio Oréfice mostravam-se irritados, assim como os jogadores, que já se consideravam campeões.

"NERVOSO, PRIMEIRO COM A CABEÇA MERGULHADA NOS BRAÇOS, DEPOIS ANDANDO NO VESTIÁRIO DE UM LADO PARA O OUTRO, ARMANDINHO REPETIA: 'ME CRUCIFIQUEM, ME CRUCIFIQUEM! EU ERREI...'"

26/8/73 MORUMBI (SÃO PAULO)
SANTOS 0 X 0 PORTUGUESA
J: Armando Marques; **R:** Cr$ 1 502 255; **P:** 116 156; **Nos pênaltis:** Santos 2 x 0 Portuguesa (série interrompida antes de decidido o título)
SANTOS: Cejas, Zé Carlos, Carlos Alberto Torres, Vicente e Turcão; Clodoaldo e Leo; Jair da Costa (Brecha), Eusébio, Pelé e Edu. **T:** Pepe
PORTUGUESA: Zecão, Cardoso, Pescuma, Calegari e Isidoro; Badeco e Basílio; Xaxá, Cabinho, Enéas (Tatá) e Wilsinho. **T:** Oto Glória

Pelé e Cejas se abraçam, Armando Marques empurra: mas a decisão não tinha terminado...

FOI UMA DAS ÚLTIMAS GRANDES EXIBIÇÕES DE PELÉ, no clássico contra o Palmeiras pela fase de classificação do Campeonato Brasileiro. Fora de campo, especulava-se muito sobre o fim de sua carreira

PELÉ COMANDA A GOLEADA

Um gênio não pára. Apenas se afasta um pouco, enquanto continua criando coisas maravilhosas como as de sábado

>> POR MICHEL LAURENCE

Enquanto fora das quatro linhas todos se preocupavam com "quando ele vai parar", dentro delas Pelé ia mostrando que um gênio não pára. Apenas se afasta um pouco, enquanto nos pensamentos dos torcedores ele continuará criando coisas maravilhosas como as de sábado.

Ele, com um passe magistral, se encarregou de romper todo o sistema altamente retrancado armado por Osvaldo Brandão (se a Seleção assistiu ao teipe, talvez tenha tirado algum proveito da jogada armada para romper retrancas) e aos poucos foi destruindo o frágil time do Palmeiras. Um time covarde, no qual o próprio Brandão não acreditava.

É bom que se diga: Pelé teve a ajuda dos técnicos Pepe (que se despedia) e Tim (que assumia); de Nelsi, um belíssimo jogador, e de outros, como Fernandinho, ainda tímido em seus primeiros passos num time grande.

Depois disso, o homem que se "despedia" sentiu-se eufórico, riu muito nos vestiários, brincou com muita gente. Foi aclamado mais uma vez por uma massa incontrolável à saída do Pacaembu e no programa do Bolinha, no canal 13, chorou feito um menino depois de ouvir duas músicas (uma de Moacir Franco) e ser abraçado por uma senhora que quase desmaiou. Tudo igual a sempre.

"PELÉ FOI ACLAMADO POR UMA MASSA INCONTROLÁVEL À SAÍDA DO PACAEMBU E NO PROGRAMA DO BOLINHA, NO CANAL 13, CHOROU FEITO UM MENINO DEPOIS DE OUVIR DUAS MÚSICAS (UMA DE MOACIR FRANCO)"

20/4/74 PACAEMBU (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 0 X 4 SANTOS
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia; **R:** Cr$ 182 116; **P:** 23 139; **G:** Brecha 11 e Nenê 15 do 1º; Pelé 6 e Fernandinho 38 do 2º
PALMEIRAS: Sérgio, Eurico, Polaco, João Carlos e Zeca; Dudu e Jair Gonçalves; Edu, Careca, Celso (De Rosis) e Nei.
T: Osvaldo Brandão
SANTOS: Cejas, Hermes, Vicente, Bianchi e Zé Carlos; Nelsi e Brecha; Fernandinho, Nenê (Adílson), Pelé e Mazinho. **T:** Pepe

O Santos goleia o Palmeiras:
soco no ar quatro vezes

AOS POUCOS, O REI PREPARAVA SUA DESPEDIDA. Neste depoimento a PLACAR, ele falava de sua vida fora do futebol e da decisão de não jogar a Copa de 74

A LIBERDADE NÃO VAI SER COMPLETA

Pelé vai parar de jogar futebol, mas nunca deixará de ser Pelé. Mesmo que jamais tenha deixado de ser Édson

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Não, com ele não vai acontecer como acontece com quase todos os outros grandes ídolos. Mesmo depois que parar de jogar, Pelé não vai ser sufocado pelo Édson. Nem ele nunca pensou assim. Nem quer. Nem pode. Estão tão intimamente ligados que serão sempre Édson-Pelé. Há muitos anos, tudo tem girado em torno do mesmo símbolo. O mesmo nome, a imagem, a publicidade, a marca registrada, as empresas. Nas portas, nos vidros, nos impressos, na atenção, em tudo está Pelé. E mesmo sem calção e sem chuteiras, de terno e gravada, ele continuará sendo Pelé. Como nos autógrafos. Édson-Pelé.

Há alguns anos ele disse que o jogador é um escravo e a frase tornou-se famosa. Reclamava do número exagerado de jogos, das concentrações, das viagens, e gritava contra o pouco tempo que sobra para que o jogador se dedique à família.

Mas agora que os tempos passaram, quando está chegando a hora do adeus, de descalçar as chuteiras, de ter sua camisa 10 descolada pela últimas vez do corpo suado, da liberdade, agora ele já sabe que apenas algumas daquelas correntes serão quebradas. As outras, bem mais importantes, serão apenas trocadas.

Outro dia sua filha Kelly Cristina, de 7 anos, reclamou que há muito tempo ele parou de colocá-la sobre os ombros para brincarem de cavalinho. Pelé, um pouquinho sem jeito, um pouquinho triste, brincou que ela já estava pesando quase 37 quilos e que ele, chegando aos 34 anos, já não tinha forças para carregar tanto peso. Um simples diálogo.

— Mas mesmo depois que eu parar totalmente com o futebol não vou poder ser aquele pai normal. Estou sendo muito sincero. Acho que vai ser bem melhor do que é agora porque, quando não tiver de viajar para a Pepsi-Cola, para a RQ Colorado ou para a Arco-Flex, meus sábados e domingos serão totalmente livres. Todinhos meus para eu fazer o que bem entender. Poderei sair para passear com as crianças, ir à praia, ver futebol, caçar, pescar, estudar, visitar amigos. Fazer um montão de coisas.

Os cálculos estão feitos mais ou menos assim: nos próximos dois anos sua imagem será muito bem vendida no Brasil e nos próximos dez — porque ainda está virgem lá fora — venderá no exterior. Depois disso ainda se espera um retorno, isto é, que aqui se compre outra vez a imagem que volta. Não deve ser nunca apresentado como o garoto-propaganda, mas como o homem, o professor, a imagem pura, exatamente como a Pepsi o está mostrando depois de muitos estudos.

— Não, não me arrependi de não ter ido à Copa. Por motivos óbvios acho que fui quem mais torceu para o Brasil ganhar. Fiquei emocionado na final. Não tirei as luvas porque sou de roer as unhas, mas as luvas ficaram estragadas de tanto eu esfregá-las. Também não falei que o juiz roubou a gente no jogo com a Holanda. Eu gritava para o Marinho que tinha ladrão, isto é, adversário chegando para tirar-lhe a bola. E muitas vezes me vi gritando para o Rivelino ir mais para a frente. Nem falei que se eu estivesse lá daria para ganhar. De fora sempre parece mais fácil.

Acha que está preparado para enfrentar campanhas ainda mais violentas e duras do que as que sofreu por não querer à Copa. Lembra que na vida ninguém consegue contentar a todos.

"NOS PRÓXIMOS DOIS ANOS SUA IMAGEM SERÁ MUITO BEM VENDIDA NO BRASIL E NOS PRÓXIMOS DEZ — PORQUE AINDA ESTÁ VIRGEM LÁ FORA — VENDERÁ NO EXTERIOR"

MANOEL MOTTA

Uma imagem que não seria mais vista em breve

FOI NUMA NOITE DE QUARTA-FEIRA, 2 de outubro de 1974, num Santos x Ponte Preta pelo Campeonato Paulista. PLACAR especulava sobre o futuro do filho do Rei, Edinho

DONDINHO, DICO, PELÉ, ÉDSON, EDINHO

Ele parou. Mas seu futebol vinha de longe — o pai foi craque — e talvez possa renascer: o filho leva jeito

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Foi até o centro do campo, caiu de joelhos, virou-se para os quatro lados, abriu os braços em cruz e balbuciou algumas palavras agradecendo a seu Deus e reverenciando seu povo. Ergueu-se sem perceber o silêncio momentâneo de quase 25 mil vozes, sentiu que as lágrimas já se misturavam ao suor, enxugou a testa enrugada pela preocupação, tirou a camisa que não era a totalmente branca – como ele gostaria que fosse –, começou a correr em direção às sociais, início da volta olímpica, últimos passos de uma carreira que durou 18 anos. E quando o primeiro torcedor a chegar perto dele tentou tirar-lhe a camisa firmemente segura pela mão direita, defendeu-a como se fosse a coisa, a jóia, o troféu, o bem mais precioso entre tantos que conseguiu na vida.

Falou duro e passaria aos gritos se fosse preciso.

— Esta, não. Esta é minha. Esta é minha. Saia da frente, por favor.

E cercado, empurrado, agarrado, tonto entre fios, microfones, máquinas e uma manifestação morna, digna de um público ainda chocado, ainda um pouco surpreso, ainda sem poder realizar o tamanho da perda que naquele instante o futebol sofria, o encerramento de uma era, a dor de um ídolo que morria em vida, quase quieto quando também devia chorar, ele, Pelé não via nem ouvia nada. Repetiu muitas vezes um agradecimento resumido na palavra "obrigado", foi empurrado para mais uma volta, conseguiu resistir, pediu, implorou, desceu e subiu pela última vez as escadas do velho túnel, fugiu do último encontro marcado com a imprensa, passou por mais duas portas e sumiu num carro de polícia, buscando o descanso com que sonham os aposentados. Nas mãos levava apenas a camisa preta e branca, número 10.

— Vai ficar na minha sala de troféus.

Quando marcou seu milésimo gol deu a camisa branca que vestia para a filha Kelly Cristina, mas não vai dar para o filho Edinho essa última que vestiu como profissional. Nada que comece a massacrá-lo desde agora, 11 ou 12 anos antes de se medir se a história vai se repetir, se vai acontecer o milagre de Edinho ser o novo Pelé ou a desgraça de reviver Zoca. Nada que o ligue, que o marque desde agora deve ser permitido. O assunto é tabu, deve ser tratado com muito cuidado, tentando a situação descontraída mas não conseguindo esconder o medo.

Quando, nos últimos 20 minutos em que viveu só como Pelé, tentou repetir pelo menos um pouco de tudo que fez nos seus 18 anos de glórias, gritando, xingando, reclamando dos companheiros e das marcações do juiz, orientando, lançando Cláudio em profundidade, num passe primoroso, matando no peito, na corrida, uma bola que poderia ter acabado nas redes, como nos velhos tempos, cabeceando outra para fazer morrer na garganta da torcida o grito de gol que o goleiro Carlos, da Ponte Preta, não deixou ser completado, quando tentou tudo isso em 14 jogadas, algumas como bolas que acabaram batendo em suas canelas como se elas fossem de um joãozinho qualquer, ele, Pelé, não estava se apresentando para que Edinho o visse, ao vivo, pela última vez. O garoto, como o resto da família (Kelly e Rose), já estava longe de casa, escondido do mundo, esperando a hora de acompanhá-lo na fuga.

"PELÉ NÃO VAI DAR PARA O FILHO EDINHO ESSA ÚLTIMA CAMISA. NADA QUE COMECE A MASSACRÁ-LO 11 OU 12 ANOS ANTES DE SE MEDIR SE VAI ACONTECER O MILAGRE DE EDINHO SER O NOVO PELÉ"

2/10/74 VILA BELMIRO (SANTOS)
SANTOS 2 X 0 PONTE PRETA
J: Emídio Marques Mesquita; **R:** Cr$ 219 371; **P:** 20 258; **G:** Cláudio Adão 44 do 1º; Geraldo (contra), 10 do 2º
SANTOS: Cejas, Wilson, Vicente, Bianchi e Zé Carlos; Leo e Brecha; Cláudio Adão, Da Silva, Pelé (Gílson) e Edu. **T:** Tim
PONTE PRETA: Carlos, Geraldo, Oscar, Zé Luís e Válter; Serelepe e Serginho; Adílson, Valtinho (Brasinha), Valdomiro e Tuta. **T:** Lilo

MANOEL MOTTA

O instante final: ajoelhado no centro do gramado da Vila

ATÉ AQUELE ANO, O SANTOS MANDAVA mais jogos no Pacaembu do que em Santos. O retorno ao velho estádio motivou uma saudosa reportagem da PLACAR

OS FEITIÇOS DA VILA

A fama levou o Santos pelo mundo. Mas roubou-o à Vila. Na decadência, ele volta. Pela mão de um velho e folclórico Roma. Mas para encontrar uma segunda juventude: na torcida, nas peneiras, nos homens humildes do cais do porto

>> POR CARLOS MARANHÃO

A princípio, Paulo Roberto e 60% dos membros da Torcida Mirim e da Torcida Jovem não gostaram muito de saber que o Santos mandaria novamente suas partidas na Vila Belmiro, porque eles moram em São Paulo. Mas mudaram de idéia. Para eles, descer a serra nos fins de semana não é tão difícil como ir ao Rio, a Curitiba, a Belo Horizonte e até mesmo a Aracaju, enfrentando longas viagens de ônibus, como fizeram no último Campeonato Brasileiro.

Esses torcedores, que se tornaram santistas por causa de Pelé e dos intermináveis títulos conquistados nos anos 60, são entusiastas a ponto de jamais vaiarem o time, mesmo nas derrotas mais humilhantes. Só abriram exceção no fim do mandato da diretoria anterior, quando protestaram com violência das arquibancadas.

Mas, assim que ela caiu, o fanatismo aumentou. E a Torcida Jovem deu uma belíssima demonstração de fidelidade na noite em que o Santos empatou com a Portuguesa e ficou virtualmente eliminado no seu grupo de perdedores do Brasileiro passado. Com enormes bandeiras alvinegras, invadiram o vestiário para incentivar os jogadores e consolar Modesto Roma com tapinhas nas costas. Como se nada houvesse acontecido, gritaram com vontade:

— Ô, ô, ô, quem disse que acabou? Ô, ô, ô, quem disse que acabou?

Luís Roberto Martins, o Turco, de 17 anos, explica o clima de euforia que tomou conta da Torcida Jovem:

— É só a gente olhar pro Roma pra sentir que ele é santista como nós. O velho está sempre aqui e sofre com a gente, enquanto o Faé nem aparecia nos jogos.

De fato, Vasco Faé nunca foi um freqüentador de estádios. Conta-se que certa vez surpreendeu os funcionários ao aparecer na Vila para ver um coletivo. E chocou um deles ao comentar uma jogada do centroavante Eusébio, atualmente no México.

— Puxa, como o Coutinho emagreceu...

Lá na Vila, se o público é bom, não há conforto. Mas existe o calor de uma torcida que, como o clube, aprendeu a ser humilde. Quem está nas arquibancadas ao lado do gol de entrada, não pode deixar de sentir a alegria e a aflição do faxineiro Onofre Augusto Roberto, no seu eterno último degrau. Ele está ali há 20 anos, desde que veio de Juiz de Fora para trabalhar numa refinaria de açúcar e vibrar pelo Santos.

— Chuuuuta! — o grito gutural é inconfundível. As pessoas voltam-se para o crioulo desdentado, de roupas puídas, a contorcer o corpo todo sempre que seu time tem a bola.

— Chuuuuta, filho da mãe!

Ele grita tanto que dali mal se percebe as palavras vindas dos alto-falantes, que lembram o clima de festa dos pequenos estádios do interior.

— O Santos Futebol Clube deseja bom trabalho ao trio de arbitragem escalado para esta tarde. E atenção, desportistas. Vamos informar a hora certa, numa gentileza de...

Modesto Roma passeia satisfeito com sua gordura no meio da Torcida Jovem que, de súbito, explode em aplausos, enquanto os foguetes espocam como se fosse um dia de decisão de título mundial — Santos entrou no campo.

"VASCO FAÉ NUNCA FOI UM FREQÜENTADOR DE ESTÁDIOS. CONTA-SE QUE CERTA VEZ CHOCOU OS FUNCIONÁRIOS AO COMENTAR UMA JOGADA DO CENTROAVANTE EUSÉBIO: 'PUXA, COMO O COUTINHO EMAGRECEU...'"

LUIZ CARLOS KFOURI

MANOEL MOTTA

A Torcida Jovem: de volta à Vila famosa

O REI VOLTOU A JOGAR em 1975: disputaria três temporadas na liga profissional dos EUA pelo New York Cosmos. A despedida viria enfim em outubro de 1977, quando ele jogaria meio tempo pelo Cosmos e meio pelo Santos

PELÉ: DE NOVO A BOLA À ESPERA DE UM REI

Quando, ao final do jogo entre Cosmos e Santos, Pelé foi carregado em triunfo, estava terminando uma era: daí, algo de melancolia no adeus festivo. Chegava ao fim também uma semana de homenagens como jamais se vira na história do esporte

>> POR LEMYR MARTINS

O gol que Pelé fez, faltando um minuto para o final do primeiro tempo, foi o início da desvairada emoção que viveria o estádio do Giants, de New Jersey. Logo depois, no vestiário do Santos, esse desvario se convertia em obsessão. Esqueciam-se as táticas, esquecia-se a timidez, esquecia-se a falta de familiaridade com o piso artificial. Só havia um desejo — o de um gol de Pelé contra o Cosmos. O Santos — era quase uma prece de seus jogadores — não entraria para a história como o último time a sofrer um gol de Pelé.

Mas entrou — só que, no final, não haveria qualquer sentimento de humilhação. Pensando bem, foi no estádio do Giants que se deu o reconhecimento mais festivo, mais ostensivo da glória que teve o clube em lançar para o mundo o talento de Pelé.

Mas essa orgulhosa alegria explodiria depois. Pois, no começo do segundo tempo, a obsessão por esse gol entrou em campo, instalou-se emotivamente no banco de reservas. Foi ali que, debaixo de chuva, abrigado por uma capa plástica transparente, Dondinho — ao lado de Valdemar de Brito, o descobridor do Rei — deu força a essa esperança. Torcia-se, sofria-se por esse gol hipotético, e o pai de Pelé garantia:

— Podem confiar no meu filho. Ele vai deixar um gol na rede do Cosmos.

Esperavam o gol, mas não contavam — por mais que soubessem da dimensão da festa programada — com uma consagração do nível da que, aos poucos, ia pintando.

Chegaria a hora em que 75 mil pessoas aclamariam em português o gênio do futebol. Mas aos ouvidos de Dondinho eram as palavras do prefeito de Três Corações que chegavam:

— Olhe, Dondinho, lá em Três Corações, no Museu de Pelé, haverá, à entrada, esta inscrição: "Nem aqui em Três Corações será possível nascer outro gênio. Pelé, o único."

Dondinho torcedor esperou em vão. Mas Dondinho pai tremeu com o que viu e ouviu no final do jogo. Não foram considerados os descontos, e a partida terminou faltando 45 segundos de futebol. Logo, apareceria no painel colorido do estádio esta inscrição luminosa: "Obrigado, Brasil, por nos ter dado Pelé. Repetia-se, em português e inglês, era substituída por "Love, love, love" ou "Amor, amor, amor" — as palavras pronunciadas por Pelé ao abrir seu espetáculo.

Logo, Dondinho ouviria, enquanto Pelé era levado nos ombros para a volta triunfal, o estádio inteiro gritando: "Obrigado." Era a grande surpresa, o toque de magia que nem os promotores da festa poderiam prever. Que nem Pelé previa. Ele diria, na entrevista coletiva:

— De fato, não esperava receber esse tipo de agradecimento, tamanha consagração de um povo — o americano — que me dizia ser frio, pouco emotivo. Nesta festa tive tudo o que queria, tudo que alguém poderia desejar. Pude receber o carinho das crianças. Eram, aqui no estádio, 120 crianças excepcionais, de vários colégios americanos, que fazem a sua recuperação através do futebol.

Mas o que profundamente o comoveu foram o choro e as palavras de Muhammad Ali.

— Todos os esportistas do mundo, como farão os da minha religião, deveriam curvar-se aos seus pés.

"SÓ HAVIA UM DESEJO — O DE UM GOL DE PELÉ CONTRA O COSMOS. O SANTOS — ERA QUASE UMA PRECE DE SEUS JOGADORES — NÃO ENTRARIA PARA A HISTÓRIA COMO O ÚLTIMO TIME A SOFRER UM GOL DE PELÉ"

1/10/77 GIANTS (NOVA JERSEY)

COSMOS 2 X 1 SANTOS

J: Gino Hipolito; **G:** Pelé, Mifflin e Reinaldo
COSMOS: Messing (Erol Yasin); Nelsi (Hunter), Roth (Dillon), Carlos Alberto Torres (Bob Smith) e Rildo (Formoso); Garbert (Vítor), Beckenbauer, Field (Ord) e Chinaglia; Pelé (Mifflin) e Steve Hunt (Oliveira). **T:** Eddie Firmani
SANTOS: Ernâni; Fernando, Joãozinho, Alfredo e Neto; Zé Mário, Aílton Lira (Pelé), Nílton Batata e Rubens (Bianchi); Carlos Roberto e Reinaldo (Juari). **T:** Oto Glória

LEMYR MARTINS

As lágrimas ao receber o abraço de Carlos Alberto

DEPOIS DE PASSAR PELO GUARANI nas semifinais, o Santos chegava à decisão do Paulista de 1978 contra o São Paulo. Surgia a lenda dos meninos

IGUALZINHO 55: OS MENINOS, SAINDO DO NADA

Na hora da decisão, sem alguns titulares, o Santos ficou mais jovem: um time com idade média de 22 anos — a mesma do time que foi bi em 55/56. E que, na classe, foi o maior do mundo

>> POR SÉRGIO MARTINS

Semifinais do Paulistão-78. De repente, o Santos se vê sem nada menos do que cinco titulares (o goleiro Vítor, o zagueiro Neto, Clodoaldo, Aílton Lira e Nílton Batata). O adversário é nada menos do que o Guarani, campeão brasileiro, que vai jogar quase completo. A torcida santista teme o pior e apenas 41 mil pessoas vão ao Morumbi.

Todos esperam um massacre. E foi: Santos 3 x 1. Com essa vitória, o Peixão se habilita para a melhor de quatro pontos contra o São Paulo. Como por encanto, a massa santista deixou de sentir temor.

Pelo contrário, está confiante. Flávio, Antônio Carlos, Zê Carlos, Toninho Vieira e Claudinho — os substitutos dos titulares ausentes — fazem a média de idade do time baixar dos 25 para os 22 anos e meio. A inexperiência, embora sem deixar de ser ainda lembrada como um ponto a favor do São Paulo, não causa mais pânico entre a nação santista. É a primeira vez que os garotos vão decidir um título e, sem exceção, parecem veteranos.

— Estamos tranqüilos porque ninguém está cobrando vitórias. Sabemos que, se perdermos, o trabalho do seu Formiga vai continuar aqui dentro, sem sofrer qualquer abalo.

A explicação do volante Zê Carlos (21 anos, profissional a menos de um ano) é a explicação de todos. Essa consciência lhes fora transmitida por Zito, pelo presidente Rubens Quintas, pelo técnico Formiga.

Encostado ao alambrado da Vila, na véspera do primeiro jogo contra o São Paulo, na terça-feira da semana passada, o treinador lembrava os primeiros anos da década de 50, quando o grande Santos começou a ser armado.

Como hoje, ninguém cobrava títulos daquele time. Havia a certeza de que eles viriam mais cedo ou mais tarde. O segredo era não apressar um trabalho de médio prazo. Como agora.

Porque a história do time atual, a história de Claudinho, Zê Carlos, Toninho Vieira, Flávio e Antônio Carlos começou no dia 20 de abril do ano passado, quando, pelo Campeonato Brasileiro, o Santos perdia para o Operário no Pacaembu. Nos últimos anos, o Peixão gastara o que não tinha para armar um time que revivesse as glórias passadas em vão. O jeito era voltar à fórmula dos anos 50, valorizar a prata-da-casa.

Assim, o meio-de-campo juvenil — Zé Carlos, Toninho Vieira e Pita — entrou como titular contra o Bahia, na Fonte Nova. A derrota por 3 x 0 não alterou o trabalho. Na partida seguinte, no Pacaembu, lá estavam os três, mais o centroavante Célio, contra o Santa Cruz, que fazia uma bela campanha, estando invicto. Resultado: 1 x 1. Depois, somente Pita continuou no time. Zê Carlos e Toninho Vieira foram para o banco, mas sem serem perdidos de vista.

— O que aconteceu naquela época é que eles uma semana antes eram juvenis. Não tinham qualquer preparo — nem físico, nem psicológico — para enfrentarem times profissionais. Agora, é diferente: estão completamente preparados (Formiga).

"É A PRIMEIRA VEZ QUE OS GAROTOS VÃO DECIDIR UM TÍTULO E, SEM EXCEÇÃO, PARECEM VETERANOS. A TRANQÜILIDADE DELES CONTAGIA A TORCIDA"

Juari: um dos ídolos da geração dos Meninos da Vila

UMA DAS ATUAÇÕES QUE PUSERAM JUARI na história do Santos foi na partida que classificou o time para a decisão de 78. PLACAR acompanhou o jogo e a festa de aniversário do ídolo da Vila

"FOI MEU GOL MAIS BONITO. DE PEIXINHO"

Juari, no dia dos 20 anos

>> POR MAURÍCIO CARDOSO

Dona Ada Mateu era a única da cada com razões de sobra para tamanha euforia. O Santos vencera bonito o Guarani e, no mínimo, já era vice-campeão paulista. E Dona Ada continua santista, mesmo sendo minroia em casa. O genro, a filha, o neto, todos são corintianos.

O pequeno Juninho queria até ser mascote do Santos, mas não fazia concessões: tinha de entrar na frente do time com a camisa do Corinthians. Foi uma luta, mas para o Timão, o campeonato já era. E no entanto a casa estava em festa. Enquanto o pessoal da Vila Belmiro transbordava para as ruas à espera de seus heróis - um bando de moleques saudavelmente irreverentes que acabara de se habilitar para disputar o título paulista de 78 – na casa 94 da Bernardino de Campos recomendava-se discrição:

— Temos de disfarçar, senão toda a torcida baixa aqui — dizia Deli, fazendo as vezes de anfitriã. — Queremos que seja uma festa de aniversário muito íntima, só para a família.

No quintal discreto, o cenário estava completo: a churrasqueira fumegante, os dois barris de chope — um claro, outro escuro — copos, talheres, tudo em ordem. E o bolo com as velas de 20 anos.

João Paulo chegou primeiro, braço dado com a esposa. A festa não era exatamente para ele, mas como se fez festa! Nessa altura, o assunto era a vitória do Santos. Sensacional. Um baile. João Paulo, com sua atrevida irresponsabilidade, arrasando os esquemas do campeão brasileiro e comandando o bando na ausência do experiente Clodoaldo e do refinado Aílton Lira. Mais: fazendo um gol e preparando os outros dois. Um herói.

— Um jogo difícil, porque os dois times têm estilos parecidos. Ganhamos no peito, impondo nossa categoria.

Aí chegou Juari — o dono da festa amigo de dona Ada — e a casa se alvoroçou. Pediu desculpas pelo atraso. Fora difícil sair de fininho do meio da multidão de torcedores que pedia autógrafos e queria saber como fizera os dois gols que liqüidaram com o Guarani.

— Fiz o gol mais bonito de minha carreira. O primeiro que fiz, aquele de peixinho.

Foi lindo, sim, mas não foi exatamente um peixinho. Ninguém ligou para o detalhe. Bonito mesmo foi ganhar o jogo, contrariando até mesmo as previsões de boa parte da torcida, que não acreditou no time e ficou em casa esperando o resultado. Bonito mesmo era ver Juari esbanjando felicidade pela vitória e pelos 20 anos.

— O melhor presente de aniversário foi ele mesmo que deu. Os dois gols e a vitória — dizia sorridente, enchendo um copo de chope, o outro Juari, o pai.

O velho, acompanhado dos tios, primos e amigos do filho, não se continha de alegria. Viera cedo do Rio para comemorar o aniversário do filho e pegara uma festa dupla. Esteve no Morumbi com toda a comitiva de parentes e amigos e sua voz, agora quase sumindo, não deixava dúvidas de que gritara muito pelo sucesso do Santos.

Juari continuava se revezando em todas as posições, como convém ao seu irrequieto estilo. Um copo de chope para o cavalheiro, um galanteio para a jovem, um palpite para o torcedor. Era tudo uma festa. Apagaram-se as luzes, cantou-se parabéns e Juari soprou as velinhas de seus 20 anos. João Paulo, a seu lado, bateu palmas. O Santos já era quase campeão.

"O PESSOAL DA VILA BELMIRO TRANSBORDAVA PARA AS RUAS À ESPERA DE SEUS HERÓIS — UM BANDO DE MOLEQUES SAUDAVELMENTE IRREVERENTES QUE ACABARA DE SE HABILITAR PARA DISPUTAR O TÍTULO PAULISTA DE 78"

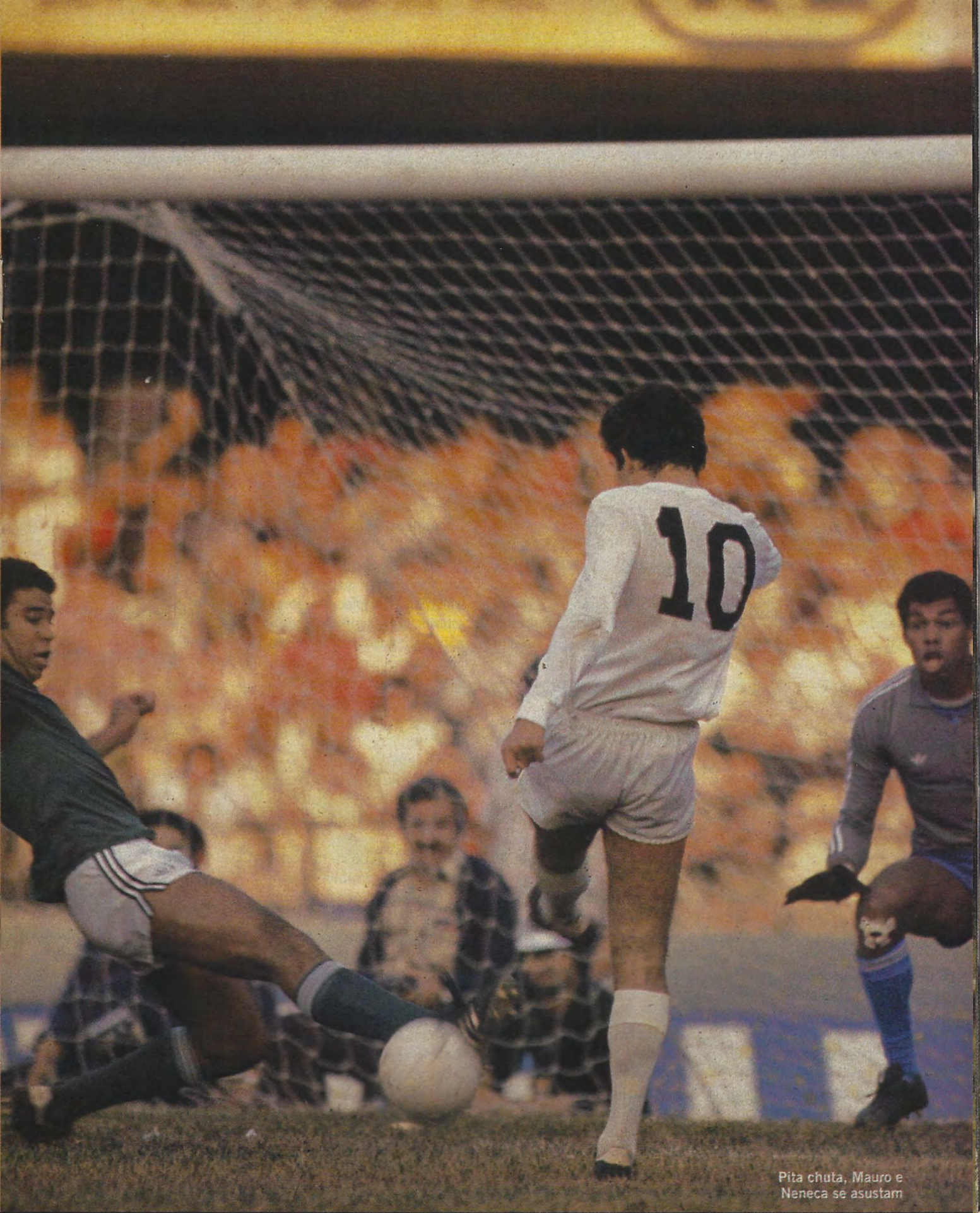
16/6/79 MORUMBI (SÃO PAULO)

SANTOS 3 X 1 GUARANI

J: Hélio Cosso; **R:** Cr$ 1 983 340; **P:** 41 250; **G:** João Paulo 13 e Juari 24 do 1º; Zenon (pênalti) 19 e Juari 36 do 2º; **CA:** Renato e João Paulo

SANTOS: Flávio, Nélson, Joãozinho, Antônio Carlos e Gilberto; Zé Carlos, Toninho Vieira e Pita; Claudinho (Célio), Juari e João Paulo, **T:** Formiga

GUARANI: Neneca, Mauro, Gomes, Édson e Odair; Zé Carlos, Zenon e Capitão; Renato, Careca (João Carlos) e Bozó. **T:** Carlos Alberto Silva

JOSÉ PINTO

Pita chuta, Mauro e Neneca se asustam

O SANTOS VENCEU O PRIMEIRO JOGO decisivo (2 x 1) e empatou o segundo (1 x 1). Chegou ao terceiro podendo perder no tempo normal, desde que empatasse na prorrogação. Foi o que aconteceu

UM TÍTULO, SUADO ATÉ O FIM

Durante 120 minutos o Morumbi viveu ofegante. E, quando alguns esperavam que o Santos se entregasse, ele ressurgiu para o título, empurrado por sua torcida

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

As lágrimas de alegria correram pelo rosto juvenil e suado de Juari. Seus olhos espertos, esbugalhados, correram em seu redor, misturando-se com os olhares molhados dos poucos torcedores que conseguiram a glória de vencer a vigilância policial e entrar no gramado do Morumbi — e encontraram-se com o delírio do lateral Gilberto. Sem palavras, num ímpeto igual, os dois correram, abraçaram-se e Juari se viu no ar, carregado pelo companheiro.

— Giba, nós conseguimos. Nós ganhamos. Abrace-me forte.

— Grite, negrinho. Grite forte. Somos campeões!

E daí os dois correram para o lado da torcida santista. Braços erguidos, olhos acesos, sorriso de vitória e a regência de um coro ensurdecedor que começou pouco antes de o Santos entrar em campo e que, com raros momentos de silêncio e de tensão, durou até o final dos 120 minutos.

E, numa loucura total, as cenas de Juari e Gilberto, abraçados, pulando, não vendo ninguém e agradecendo a todo mundo, foram se repetindo sempre que dois daqueles meninos — alguns um pouco mais velhos — conseguiam se encontrar, fugindo, delicadamente, da perseguição dos repórteres e torcedores.

Do campo para o vestiário, onde logo apareceu uma garrafa de champanhe, aberta para que todos provassem um pouquinho, bicando um copo de plástico, só uma reclamação era ouvida:

— Foi uma pena a polícia não deixar que a torcida entrasse em campo para comemorar com a gente. Ela merecia essa quebra no regulamento. Nossa torcida foi demais. Lotou a parte que lhe reservaram, empurrou a torcida do São Paulo para um canto do estádio e nunca deixou de nos incentivar. Nem mesmo durante o jogo, quando estávamos perdendo por 2 x 0.

Rouco, transtornado, Clodoaldo, além de não se esquecer da torcida, ainda fazia questão de abraçar a todos que conseguiam se apertar pelos cantos do vestiário santista. E Corró, calejado de decisões, parecia entender, mais do que qualquer outro, a importância daqueles gritos de Santos, Santos, Santos...

Fisicamente de fora, espiritualmente dentro de campo, correndo ao lado de Pita, de Claudinho, de Toninho Vieira, de Zé Carlos e de todos os outros, sabia que, sem a torcida, sem a força que vinha de fora para completar a força interior, aquela garotada talvez não agüentasse, também na prorrogação, a raça e a vontade de vencer que o São Paulo mostrou nos 90 minutos. E que não conseguiu repetir na prorrogação, quando, transferida a carga de responsabilidade, os meninos da Vila voltaram a jogar pelo menos boa parte do futebol alegre, atrevido, vivo, de toques.

A torcida santista tornou a incentivar o Morumbi quando os times voltaram para a prorrogação. Tranqüilos como bons franciscanos, quando a situação exigia, os jogadores santistas foram toureando o adversário, deixando o tempo correr e mostrando que, mesmo sem ser um Pita, Rubens Feijão é, também, um jogador muito útil e em condições de fazer parte desse grupo que mostrou que, acima de ganhar o título paulista de 78, o Santos está formando na Vila um time para muitos outros títulos.

"ESSE GRUPO MOSTROU QUE, ACIMA DE GANHAR O TÍTULO PAULISTA DE 78, O SANTOS ESTÁ FORMANDO NA VILA UM TIME PARA MUITOS OUTROS TÍTULOS"

28/6/79 MORUMBI (SÃO PAULO)
SANTOS 0 X 2 SÃO PAULO
J: João Leopoldo Ayeta; **R:** Cr$ 5 658 670; **P:** 74 535; **G:** Zé Sérgio 26 do 1º; Neca 5 do 2º; **E:** Aírton
SANTOS: Flávio, Nélson, Antônio Carlos, Neto (Fernando) e Gilberto; Zé Carlos, Toninho Vieira e Pita (Rubens Feijão); Nílton Batata, Juari e Claudinho. **T:** Formiga
SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Aírton; Chicão, Muricy e Darío Pereyra (Vílson Tadei); Viana (Edu), Neca e Zé Sérgio. **T:** Rubens Minelli

JOSÉ PINTO

Nílton Batata escapa de Bezerra: atuação tranqüila na prorrogação

O SANTOS GARANTIU SEU LUGAR na final e a vaga na Libertadores em dois jogos contra o Atlético Mineiro: venceu no Morumbi por 2 x 1, dois gols de Serginho, e garantiu o empate no Mineirão lotado

A PRIMEIRA GRANDE GUERRA

Será uma decisão entre campeões do mundo, em duas batalhas: no Morumbi, domingo, e no Maracanã, dia 29, quando — e se for necessário — teremos prorrogação e cobrança de pênaltis. Haja coração!

Que serão duas decisões de muita garra, o passado dos dois técnicos confirma. Zagueiros do fantástico Santos de décadas atrás, ambos se notabilizaram pela vontade de vencer, maior mesmo que a refinada técnica que exibiam nos campos de batalha. Entre o ex-lateral-direito Carlos Alberto Torres e o ex-quarto-zagueiro Formiga há uma capacidade comum de transmitir, aos seus comandados, o ideal do triunfo e a determinação de obtê-lo.

Se as recentes lições prevalecerem, o treinador do Santos assume ligeira vantagem, por tempo de serviço e conhecimento de causa. Mais que a segura exibição no empate com o Atlético Mineiro (0 x 0), que lhe garantiu acesso às finais da Taça de Ouro, o Santos revelou surpreendente determinação, de que o ponta-esquerda João Paulo foi um vivo exemplo. Açoitado por críticas nas fases anteriores da competição, não poucas vezes apontado como imagem de um time desestruturado, ele se agigantou nas partidas da semana passada. Antes mesmo do primeiro jogo, no Morumbi, frisava aos repórteres que queriam saber de suas esperanças: "Esperança não, confiança. Esperança é para quem corre por fora, e esse não é o caso do Santos."

Naquela noite de quinta-feira em que, diante de 70 mil torcedores, o Peixe garantiu na prática a sua classificação, João Paulo entortou o lateral-direito Nelinho. Menos de três dias depois, fortaleceria o meio-campo com incrível vigor, modificando seu estilo ofensivo e protegendo, com eficiência, o setor esquerdo da defesa.

Os únicos campeões mundiais interclubes que o Brasil já festejou — Santos em 1962 e 63, Flamengo em 1981 — estarão reunidos numa final como há muitos anos não se vê. A rigor não há favorito, até porque ambos têm problemas sérios para resolver. Com torção no joelho direito, o volante Dema assegurava, ao desembarcar em São Paulo, sua presença já neste próximo domingo. Formiga, de qualquer forma, fazia coro com o entusiasmo do vice-presidente Mílton Teixeira, responsável pelos quase 400 milhões de cruzeiros investidos em janeiro passado para armar o finalista da Taça de Ouro: "Melhor que chegar à final", sentenciava o técnico, "é ver nosso time de novo entre os melhores do país". Teixeira arrematava: "Agora, vamos até o título mundial, mais uma vez."

"O VICE-PRESIDENTE MÍLTON TEIXEIRA, RESPONSÁVEL PELOS QUASE 400 MILHÕES DE CRUZEIROS INVESTIDOS, ARREMATAVA, DESLUMBRADO: 'AGORA, VAMOS ATÉ O TÍTULO MUNDIAL, MAIS UMA VEZ'"

15/5/83 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO-MG 0 X 0 SANTOS
J: Luís Carlos Félix (RJ); **R:** Cr$ 78 575 600; **P:** 113 749; **CA:** Márcio, Dema, Lino e Jorge Valença; **E:** Reinaldo 36 do 2º
ATLÉTICO-MG: João Leite, Nelinho, Fred, Luizinho e Jorge Valença; Heleno, Marcus Vinícius (Marcelo) e Renato; Tita, Reinaldo e Éder. **T:** Paulinho de Almeida
SANTOS: Marolla, Toninho Oliveira, Márcio Rossini (Joãozinho), Toninho Carlos e Gilberto; Dema (Lino), Pita e Paulo Isidoro; Camargo, Serginho e João Paulo. **T:** Formiga

O Santos está na final e na Libertadores: prêmio à raça

DURANTE UMA SEMANA, a torcida santista sonhou com o título brasileiro, após a bela vitória por 2 x 1 no primeiro jogo decisivo. A esperança acabria no Maracanã, mas ficou a lembrança de um jogo inesquecível

A BATALHA SANTISTA

O Santos venceu a primeira por 2 x 1 e será campeão domingo com um empate. Se perder por um gol, haverá prorrogação e, talvez, pênaltis. Mas o Fla conquista o bi no tempo normal triunfando com dois gols de diferença

>> POR MARCO AURÉLIO BORBA

Foi um belo domingo em São Paulo. Despoluído, o céu paulistano se acendeu em azul desde cedo e, após o meio-dia, começou a brilhar colorido de sol para logo se misturar, no asfalto, com o vermelho e branco que o tornavam rubro e alvinegro.

Às 14h15, no entanto, a confusão tomou conta das arquibancadas do Morumbi, onde a Polícia Militar teve que intervir para separar bandeiras e ilusões. Os valentes rubro-negros - cerca de 15 mil -, engrossados por uns poucos corintianos, ensaiavam as primeiras provocações e mostravam aos paulistas que, ao menos de sua facção conhecida como Raça Rubro-Negra, deveriam esperar, após o apito do juiz, 90 minutos de paixão.

Foi uma paixão de jogo, digna dos times, que, não somente pela técnica, mas principalmente pelo amor, conquistaram o direito de decidir o campeonato nacional do melhor futebol mundial. Júnior não é um jogador execrado pela maioria da torcida brasileira, que o reconhece como craque mas não lhe dá o direito de criar? Pois é, mas para a torcida do Flamengo ele é o maior do mundo. Serginho não é um marginal, que frustrou o país na Copa? Pode até ser, mas para a galera santista, a julgar pela reação quando seu nome foi anunciado, é o grande artilheiro do Brasil (e não é que é?).

O Flamengo dominou enquanto o Santos se procurava, tentava descobrir como fazer o gol que lhe traria tranqüilidade e vitória. Chuteiras vermelhas — que rolaram a bola no apito inicial —, Serginho lutava sem encontrar correspondência em seus companheiros de ataque, principalmente em Paulo Isidoro, apenas uma sombra do grande craque que todos sabemos. Pita, em compensação, como jogava!

E que dizer do Lino (Joselino Martins de Jesus, baiano revelado no Ipiranga, de Salvador)? Entrou para substituir a revelação Dema e não deixou o grande Zico desfilar sua bola (o Flamengo atacava e a Raça Rubro-Negra não parava de pular, charanga de metais animando a festa). Aos 23 do primeiro tempo, após lançamento primoroso de Baltazar (triste sina a desse moço, alvo de ódio e fonte de redenção), o garoto Élder perdeu um gol na cara do aplicado Marolla. Quem não faz, leva, ensina a lógica do futebol...

Aos 25, Pita pegou um rebote da defesa carioca e encheu o pé esquerdo, com raça e gana, balançando a rede e explodindo o estádio em delírio (pela primeira vez, a Raça Rubro-Negra silenciou os metais, trombones em surdina). Daí em diante só deu Santos, que poderia ter feito mais, se Toninho Oliveira não colocasse errado uma cabeçada que faria justiça ao time paulista.

O segundo tempo começou com o sol recortando silhuetas embandeiradas sobre as marquises do estádio onde 120 mil pessoas sofriam. A charanga da Raça Rubro-Negra contrasta com o silêncio dos vencedores e só se apaga quando Serginho faz 2 x 0, numa rebatida de Raul. Aí a massa santista se anima e dança, canta e festeja. mas atira pela culatra, estourando um foguete perto do rosto de Serginho, que desmaia e é atendido fora de campo enquanto Baltazar diminui o marcador (ele, o odiado, é festejado pela torcida).

Emoção lá e cá, ambas as torcidas pedem "mais um!", quando Aragão encerra a partida. Quem é o campeão? Não importa. Domingo que vem tem mais. Sorte nossa.

"SERGINHO NÃO É UM MARGINAL, QUE FRUSTROU O PAÍS NA COPA? PODE ATÉ SER, MAS PARA A GALERA SANTISTA, A JULGAR PELA REAÇÃO QUANDO SEU NOME FOI ANUNCIADO, É O GRANDE ARTILHEIRO DO BRASIL (E NÃO É QUE É?)"

22/5/83 MORUMBI (SÃO PAULO)
SANTOS 2 X 1 FLAMENGO
J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cr$ 107 514 350; **P:** 114 481; **G:** Pita 25 do 1º; Serginho 18 e Baltazar 22 do 2º;
CA: Zico e Márcio Rossini
SANTOS: Marolla, Toninho Oliveira, Márcio Rossini, Toninho Carlos e Gilberto; Lino, Paulo Isidoro e Pita; Camargo (Paulinho Batistote), Serginho e João Paulo.
T: Formiga
FLAMENGO: Raul, Leandro, Marinho, Mozer e Júnior; Bigu, Adílio e Zico; Élder (Robertinho), Baltazar e Júlio César (Bebeto). **T:** Carlos Alberto Torres

Pita também ajudava na marcação: aqui, contra Élder

DURANTE SETE ANOS E 20 PARTIDAS, o Peixe ficou sem derrotar o rival. Foram nove vitórias corintianas e 11 empates. O jejum inaceitável para quem viu a Era Pelé acabaria enfim num jogo de Campeonato Paulista

MORREU O TABU, VIVA O TABU!

O Santos venceu o Corinthians por 2 x 0, acabou com a escrita que já durava sete anos e promete começar uma nova época

>> POR MARCO AURÉLIO BORBA

Chuva, suor e beleza. O céu mandava água em pencas, mas 20 mil santistas se abraçavam e dançavam na chuva, gargantas roucas gritando frenéticas, mistura de música e arrebatação: "Eeeê! Santos! Eeeê! Santos!" Eram quase 30 minutos do segundo tempo, no Morumbi, e, nesse mesmo instante, Paulo Isidoro carimbava a trave direita de Leão, aumentando o delírio.

O Santos ganhava por 2 x 0, maravilhosa cabeçada de Pita aos 42 do primeiro tempo e um gol contra de Wágner aos 27 do segundo, mas até os corintianos sentiam, àquela altura, que o marcador era injusto para o time praiano. Serginho, por exemplo, perdeu dois gols – e, ao fim do jogo, dizia para quem quisesse ouvir que está disposto a voltar à Seleção Brasileira, da qual se desinteressara depois da última Copa. Para a massa santista, pouco importavam a Seleção e os gols perdidos, ainda menos os inúmeros desfalques do adversário, que jogava todo improvisado.

Só importava o fim do tabu, um período de sete anos e meio que parecia eterno, mas que terminou com os modestos 2 x 0, por coincidência o mesmo marcador com que o Corinthians, em 1968 pós fim ao outro tabu, de 11 anos sem vitórias sobre o Santos de Pelé.

Por isso, descamisado e sem voz, Paulo Roberto dos Santos, 16 anos, dançava no meio do gramado, olhos perdidos no nada. Ele, que nunca viu Pelé jogando, acabara de assistir a primeira vitória de seu time contra o Corinthians: "Pelé nada, meu chapa, meu herói se chama Pita". Sacrilégio desculpável na quase criança, certamente, perdoado pelo Crioulo, que fez 43 anos no domingo e pediu, por telegrama aos jogadores, a vitória como presente de aniversário.

Mas Pita desequilibrou nesse dia e acendeu, com sua centelha de craque, o rastilho de festa que provocou a explosão da galera. O ponta-esquerda João Paulo tentou não atribuir importância à queda do tabu, mas se traiu: "Azar deles se estavam desfalcados. Por mim, teríamos enfiado dez gols. Esse tabu foi mantido em muitos jogos em que também estávamos desfalcados".

Clodoaldo, atual supervisor e remanescente dos tempos em que o tabu era do outro lado, completou: "Graças a Deus acabou a tensão. Agora o problema de vencer é deles". No vestiário corintiano, Wladimir concordava: "Foi o fim de uma tensão de parte a parte. Vamos ver se agora não entramos na fila".

Inflamados, torcedores santistas, que só respiraram quando o jogo acabou, provocavam: "Já faz quase um ano que eles não nos vencem. Começou o novo tabu".

"O TORCEDOR DE 16 ANOS, QUE NUNCA VIU PELÉ JOGANDO, ACABARA DE ASSISTIR A PRIMEIRA VITÓRIA DE SEU TIME CONTRA O CORINTHIANS: 'PELÉ NADA, MEU CHAPA, MEU HERÓI SE CHAMA PITA'"

23/10/83 MORUMBI (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 0 X 2 SANTOS
J: Roberto Nunes Morgado; **R:** Cr$ 37 059 300; **P:** 39 347; **G:** Pita 42 do 1º e Wágner (contra) 27 do 2º; **CA:** Márcio e Dema
CORINTHIANS: Leão, Ronaldo, Mauro (Ricardo), Juninho e Wladimir; Wágner, Luís Fernando e Zenon; Alfinete, Jota Maria (Careca) e Eduardo. **T:** Jorge Vieira
SANTOS: Marolla, Toninho Oliveira, Márcio, Toninho Carlos e Paulo Róbson; Dema, Paulo Isidoro e Pita; Lino, Serginho e João Paulo. **T:** Formiga

NICO ESTEVES

Duelo de camisas dez: Pita levou a melhor sobre Zenon

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE 1972, o campeonato era disputado nos bons e velhos pontos corridos. E, como nos bons tempos, deu Santos

SANTOS NO CÉU E NA TERRA

O novo campeão paulista atingiu a maturidade. E ganhou por 1 x 0 quando podia empatar

No começo da tarde de domingo, quem subisse a Rodovia dos Imigrantes, vencendo os 72 km que separam Santos de São Paulo, ultrapassaria um sofrido Fusca bege em marcha lenta que, apesar de caindo aos pedaços, provocava admiração e um certo respeito à sua passagem. Era mesmo algo impressionante: amarrada ao teto, uma imagem de 1,50 m de Nossa Senhora de Monte Serrat, a padroeira santista, que rumava ao Morumbi levada por um grupo de torcedores para reforçar o destino.

Estava escrito: o Santos seria campeão paulista nessa tarde pela força da fé, não só a religiosa, que às vésperas da decisão elevou os espíritos tanto na Vila Belmiro quanto no Parque São Jorge, mas na própria crença dos jogadores em seu futebol. Foi aí que o Santos reuniu as armas para vencer o Corinthians por 1 x 0 e conquistar com todos os méritos o 15° título paulista de sua vida.

Quando Serginho fez o gol definitivo, aos 27 minutos do segundo tempo, completando um cruzamento de Humberto, a torcida pôde emendar alegremente o grito de gol com o de "é campeão", porque com certeza nada mais atrapalharia a conquista. Desde o início da partida o Santos jogava com a faixa no peito, misturando garra, técnica, sede de vitória, mesmo precisando apenas do empate para chegar ao título. Serginho foi visto dando carrinhos na defesa; Dema, Humberto, Lino e Paulo Isidoro ocuparam todos os espaços do meio-campo; e, atrás de uma defesa serena e segura, o goleiro uruguaio Rodolfo Rodríguez estava soberano. Foi com este conjunto, aliás, que o Santos construiu uma conquista, de cabo a rabo, indiscutível: ganhou o Torneio Início, virou o primeiro turno na liderança ao lado do Palmeiras, no total teve a defesa menos vazada (19 gols) e um dos artilheiros (Serginho, com 16 gols, repartindo o feito com Chiquinho, do Botafogo). Trata-se de uma campanha incrivelmente regular, sem desníveis, com todo o cuidado que pedia a busca de um título que já estava distante há seis anos.

A lista desses heróis começa com Rodolfo Rodríguez. Um homem que durante a semana evitou circular pela cidade para não se deixar contagiar pelo clima de euforia. A seu lado, na galeria de heróis santistas, há espaço para vários outros. Serginho, por exemplo, que saiu de campo muito feliz, mas ao mesmo tempo com serenidade de quem sabe ter cumprido uma missão de forma exemplar: ele passou a semana toda em tratamento para atenuar as dores de uma contusão na coxa esquerda, fez o gol, deu combate, incomodou a defesa corintiana desde que a bola começou a rolar. "Modéstia à parte, fui o melhor mesmo em campo", repetia ele, oferecendo o título à torcida e à cidade de Santos. A seu lado, Paulo Isidoro, um craque com dores mais fundas a latejar: ele perdeu o pai na semana passada.

Essenciais também foram o central Márcio, muito firme, e o elétrico Humberto, um jogador que o São Paulo deve estar arrependido de ter cedido ao Santos, porque é um fenômeno de combatividade no meio-campo. E Lino, um caso raro de habilidade, oportunismo e muita humildade na marcação. Graças a eles, aos outros craques e ao técnico Castilho, o Santos leva a taça de um campeonato que consagra a velha fórmula dos pontos corridos, que premia de fato o melhor.

"A LISTA DOS HERÓIS COMEÇA COM RODOLFO RODRÍGUEZ. UM HOMEM QUE DURANTE A SEMANA EVITOU CIRCULAR PELA CIDADE PARA NÃO SE DEIXAR CONTAGIAR PELO CLIMA DE EUFORIA"

2/12/84 MORUMBI (SÃO PAULO)
SANTOS 1 X 0 CORINTHIANS
J: José de Assis Aragão;
R: Cr$ 419 323 500; **P:** 101 587; **G:** Serginho 27 do 2°; **CA:** Márcio, Humberto, Zenon, Juninho, Lino e Mário Sérgio
SANTOS: Rodolfo Rodríguez, Chiquinho, Márcio, Toninho Carlos e Toninho Oliveira (Gilberto); Dema, Paulo Isidoro e Humberto; Lino, Serginho e Zé Sérgio (Mário Sérgio). **T:** Carlos Castilho
CORINTHIANS: Carlos, Édson, Juninho, Wágner e Wladimir; Biro-Biro, Arturzinho (Paulo César) e Zenon; Dunga, Lima e João Paulo. **T:** Jair Picerni

RONALDO KOTSCHO

Serginho: "Modéstia à parte, fui o melhor em campo"

NÃO DEU PARA CONQUISTAR O TÍTULO BRASILEIRO, mas o craque empolgou o Brasil com atuações brilhantes, como os 5 x 2 sobre o Fluminense que puseram o Santos na decisão. Por isso PLACAR o elegeu o melhor da temporada

DOM GIOVANNI

Mestre de toques requintados e gols barrocos, o ganhador da Bola de Ouro de PLACAR se consagra como o maior craque de sua geração e virtual camisa 10 da Seleção

>> POR LUÍS ESTEVAM PEREIRA

Na cena mais cômica da ópera "Don Giovanni", de Mozart, o criado Leporello arrola o número de mulheres conquistadas pelo patrão: "Só na Itália Don Giovanni realizou 640 conquistas; na Turquia o resultado não foi muito animador: apenas noventa e uma... Na Espanha, porém, só até este momento, chegou à assombrosa quantidade de mil e três!" O torcedor pode desconhecer o personagem mozartiano, mas muito provavelmente já está na lista dos que foram seduzidos pelo futebol grandiloqüente de Giovanni Silva de Oliveira, 23 anos, o Don Giovanni que levou o Santos às finais do Brasileiro de 1995. Contra o Fluminense, Giovanni marcou dois gols, participou dos outros, armou, defendeu, comandou o time. Numa partida inesquecível, o Santos atropelou o Flu, arriscando no 4-2-4, com dois pontas bem abertos.

"Futebol precisa ter um tempero especial, não é só feijão-com-arroz", clama o jogador. "Se eu jogasse simples, não estaria na Seleção. Tem que ser ousado, tem que tentar, mesmo que perca o lance." Depois de um começo periclitante defendendo Tuna Luso, Remo e Paysandu, todos de Belém do Pará, sua terra natal, Giovanni até pensou em trocar o futebol pela profissão de eletrotécnico. Acabou descoberto por Mauro Morishita, um nissei de olhos aguçados que o levou para o Sãocarlense, do interior de São Paulo, em meados de 1994. Logo ele passou ao Santos e sua carreira disparou. Em 1995, fez um belo Campeonato Paulista e um Brasileiro vertiginoso. Manteve a regularidade como se fosse um gigante disputando uma pelada com os sete anões. Giovanni fez o que mais gosta: ousou e levou a Bola de Ouro.

"Molenga! Enganador! Preguiçoso! Abrigo de vermes!" Nos tempos em que defendia o Remo, a torcida não poupava insultos cada vez que Giovanni apontava na boca do túnel. Existia então a firme convicção de que o jogador funcionava em marcha lenta e nas suas veias corria água - morna. No Pará, chegou a circular uma piada cruel: "O Giovanni é lento porque é gago ou é gago porque é lento?", numa referência às rateadas que o tímido craque dava nas entrevistas. "Ele não jogava bem porque os torcedores fungavam no cangote dele em todos os jogos", testemunha o radialista Valdo Souza, da Rádio Marajoara, de Belém. A jornalista Syanne Neno, da TV Liberal, pisa sem dó: "Naquela época ele não jogava nada."

O problema de Giovanni era sua completa incapacidade de executar a tarefa de voltar, marcar, dar porrada se preciso. Quando chegou ao Santos, em 1994, Giovanni já estava disposto a fazer as vontades dos técnicos. "Tudo é necessidade", filosofa o craque. "Hoje, já roubo bolas e corro atrás para marcar." O aprendizado, no entanto, parece não ter sido completo. "Eu pedia que ele voltasse para ajudar na defesa", conta Serginho Chulapa, o técnico que o lançou no Santos, na vitória de 2 x 0 sobre o Bo-tafogo, em 22 de outubro de 1994. "Ele não obedecia, mas pelo menos compensava lá na frente marcando gols."

Na verdade, Giovanni faz parte de uma linhagem de grandes jogadores que há algum tempo o futebol brasileiro não produzia: os meias-atacantes. Craques como Sócrates e Zico, que semeavam inteligência no meio campo e plantavam gols nas redes adversárias. Um tipo de jogador que desde a geração de ouro da Copa de 1982 estava em falta.

"NOS TEMPOS EM QUE DEFENDIA O REMO, A TORCIDA NÃO POUPAVA INSULTOS CADA VEZ QUE GIOVANNI APONTAVA NA BOCA DO TÚNEL. EXISTIA A CONVICÇÃO DE QUE NAS SUAS VEIAS CORRIA ÁGUA - MORNA"

10/12/95 PACAEMBU (SÃO PAULO)
SANTOS 5 X 2 FLUMINENSE
J: Sidrack Marinho dos Santos(SE); **R:** R$ 336 289; **P:** 28 090; **G:** Giovanni (pênalti) 25 e 30 do 1º; Macedo 5, Rogerinho 7, Camanducaia 17, Marcelo Passos 37 e Rogerinho 39 do 2º; **CA:** Marcos Adriano, Carlinhos, Ronald e Aílton; **E:** Ronaldo 18 do 2º
SANTOS: Edinho, Marquinhos Capixaba, Ronaldo, Narciso e Marcos Adriano; Gallo e Carlinhos; Macedo, Giovanni; Marcelo Passos (Pintado), (Marcos Paulo) e Camanducaia (Batista). **T:** Cabralzinho
FLUMINENSE: Wélerson, Ronald, Lima, Alê (Gaúcho) e Cássio; Vampeta, Otacílio e Aílton; Valdeir (Leonardo), Renato Gaúcho e Rogerinho. **T:** Joel Santana

O herói: cabelos tingidos na promessa da vitória

DEPOIS DE UMA BREVE TENTATIVA EM 1993, o Rio-São Paulo renascia novamente em 1997, com uma regra experimental: limite de 15 faltas. E o campeão foi o Santos, em cima do Flamengo, no Maracanã

É SÓ CORRER PARA O ABRAÇO!

O Santos fez a festa do título mas todos ganharam com o Rio-São Paulo, um torneio que deu lucro e mostrou que os deficitários campeonatos estaduais estão com os dias contados

Estádios cheios, chuva de gols, limite de faltas, Romário de volta, Santos campeão. Há muito tempo uma competição não conseguia a proeza de realizar tantos sonhos entalados na cabeça do torcedor como fez o Rio-São Paulo deste ano. O time santista exibiu um futebol valente e bonito, como não fazia desde que Giovanni foi para o Barcelona. Os mais saudosistas logo alertaram para o fato de que o Peixe é o maior papão de títulos no Rio-São Paulo. Ao todo, cinco: 1959, 1963, 1964, 1966 e 1997. "O torneio teve qualidade, com jogos apenas entre grandes clubes e ótimas rendas", comemora o lateral santista Ânderson.

Sucesso de público e de crítica, o torneio também serviu como um alerta de que o futebol brasileiro precisa abandonar (ou reformular) os deficitários campeonatos estaduais e centrar forças numa mudança de calendário. "O ideal seria que o Campeonato Mineiro fosse encurtado para dois meses, com o Cruzeiro e o Atlético entrando apenas na fase final", pondera o diretor de futebol do Cruzeiro, José Morais. Já Fábio Koff, homem-forte do Grêmio e presidente do Clube dos 13, é mais radical: "Não deveria haver estaduais". Na prática, é como se já não mais existisse para o Grêmio. Nos últimos anos, a equipe se concentrou em disputas como a Copa do Brasil, a Libertadores e a Supercopa.

Resumindo: o que a maioria dos grandes clubes quer é um estadual curto (cerca de dois meses, com as principais forças do Estado entrando só na fase final), um regional forte (outros dois meses) e um Brasileiro vitaminado (oito meses). Contra essa idéia estão as federações, que não querem abrir mão de sua fonte de renda. As pirotecnias do atual Paulistão representam a mais forte resistência à reformulação dos estaduais.

A sorte, porém, parece que já foi lançada e o sucesso do Rio-São Paulo está obrigando os dirigentes a buscarem alternativas mais rentáveis. "Há, inclusive, um documento assinado pelos clubes cariocas e pela federação para que outros regionais sejam implantados já no ano que vem", avisa o presidente do Flamengo, Kléber Leite, cuja empresa de marketing esportivo seria a responsável pela promoção de um torneio com os principais clubes de Rio, Minas e Espírito Santo.

Pelé que se cuide. Os santistas passaram a cultuar um novo santo desde que o time papou o Rio-São Paulo: o técnico Wanderley Luxemburgo. Com reforços significativos apenas na defesa (o goleiro Zetti veio do São Paulo e o zagueiro Ronaldão desembarcou do Flamengo), o treinador trabalhou com um grupo pouco diferente do que naufragou no Brasileiro. Mesmo assim, já conseguiu impor sua marca: marcação incansável e deslocamentos rápidos no ataque. Mas o principal foi que sob o seu comando, o time passou a jogar com alma.

É verdade que, para chegar ao título, o Santos precisou vencer o Vasco na disputa de pênaltis, depois de empatar em São Paulo (2 x 2) e no Rio (3 x 3). Na etapa seguinte, passou raspando ao vencer o sempre perigoso Palmeiras por 3 x 1 e amargar uma derrota de 1 x 0. O time engrenou mesmo nas finais. Venceu o Flamengo de Romário por 2 x 1 e segurou um empate de 2 x 2 num Maracanã lotado de rubro-negros. Obra de São Luxemburgo.

"OS MAIS SAUDOSISTAS LOGO ALERTARAM PARA O FATO DE QUE O PEIXE É O MAIOR PAPÃO DE TÍTULOS NO RIO-SÃO PAULO. AO TODO, CINCO: 1959, 1963, 1964, 1966 E 1997"

6/2/97 MARACANÃ (RIO)

FLAMENGO 2 X 2 SANTOS

J: Oscar Roberto Godoi (SP);
R: R$ 775 555; **P:** 70 729; **G:** Ânderson Lima 33, Romário 37 e 45 do 1º; Juari 32 do 2º; **CA:** Fábio Baiano, Bruno Quadros, Iranildo, Nélio e Ronaldão
FLAMENGO: Zé Carlos, Fábio Baiano, Júnior Baiano, Fabiano e Gilberto (Leonardo); Bruno Quadros (Iranildo), Moacir, Nélio e Lúcio (Márcio Costa); Romário e Sávio. **T:** Júnior
SANTOS: Zetti, Ânderson Lima (Baiano), Sandro, Ronaldão e Rogério Seves (Juari); Marcos Assunção, Vagner, Alexandre (Caíco) e Piá; Macedo e Alessandro.
T: Wanderley Luxemburgo

Os santistas fazem a festa no Maracanã: taça em cima do Flamengo

A PRIMEIRA CONQUISTA INTERNACIONAL do Santos desde os anos 60 foi muito sofrida e muito comemorada. Santos parou para festejar a volta do time com a Copa Conmebol conquistada na Argentina

COPA CONMEBOL

A torcida santista transformou a decisão da Conmebol contra o Rosario Central, da Argentina, no símbolo da recuperação do clube

Ninguém dava muita atenção à Copa Conmebol. Estavam todos mais ligados na Copa Mercosul. Nem as emissoras de TV se interessaram. Até que o Santos foi para a final. Sem um título internacional desde o bicampeonato mundial em 62/63 (se descontada), a torcida santista transformou a decisão da Conmebol contra o Rosario Central, da Argentina, no símbolo da recuperação do clube. Encheu a Vila Belmiro no primeiro jogo, já com as câmeras de TV a postos. O Santos fez a sua parte, venceu por 1 x 0, gol de Claudiomiro, e se preparou para a guerra em Rosário. Os donos da casa não decepcionaram: catimba, violência, muita confusão. Tudo em vão. O time do técnico Leão voltou da Argentina com o 0 x 0, a taça e um herói. Na noite de 21 de outubro, Zetti parou o ataque do Rosario, a ponto de a imprensa local, sempre desdenhosa dos goleiros brasileiros, elegê-lo o personagem da final.

Eduardo Marques, 22 anos, foi uma grande surpresa até para Leão. No início, o meia sequer ficava no banco. Nos treinos, Leão passou a observar mais aquele jogador de dribles curtos (ele atuou no futebol de salão). No Paulista, Eduardo não vingou. Com a contusão de Jorginho, no Brasileiro, virou titular. Fez grandes partidas e provou ter personalidade para vestir a camisa 10 do Santos.

O Viola que chegou à Vila Belmiro no primeiro semestre deste ano, emprestado ao Santos pelo Palmeiras, parecia até outro jogador. Pouco fez — apenas um gol, na vitória por 3 x 2 sobre a Portuguesa — em quatro jogos pelo Campeonato Brasileiro. Talvez por isso, não se animava a contagira o time com a sua irreverência. No Campeonato Brasileiro, porém, tudo mudou. No início das semifinais, ninguém havia marcado mais do que ele. Com 19 gols, superou Valdir, do já eliminado Atlético, até então o goleador, com 18. E não faltou alegria na hora de comemorar, seja "atirando" na torcida do Corinthians, seja imitando um leão contra o Sport.

Nada mais fácil do que antipatizar com Leão e a já folclórica arrogância. Difícil é contestar a capacidade das suas equipes. Em termos táticos, há pouco o que destacar e o próprio Leão é o primeiro a concordar. Ele montou o Santos no 4-4-2, com uma defesa quase impermeável a contra-ataques. O que chama a atenção no técnico, de 49 anos, é a facilidade para recuperar craques em baixa. Foi assim que Athirson, Lúcio, Ânderson e Viola voltaram a jogar bola.

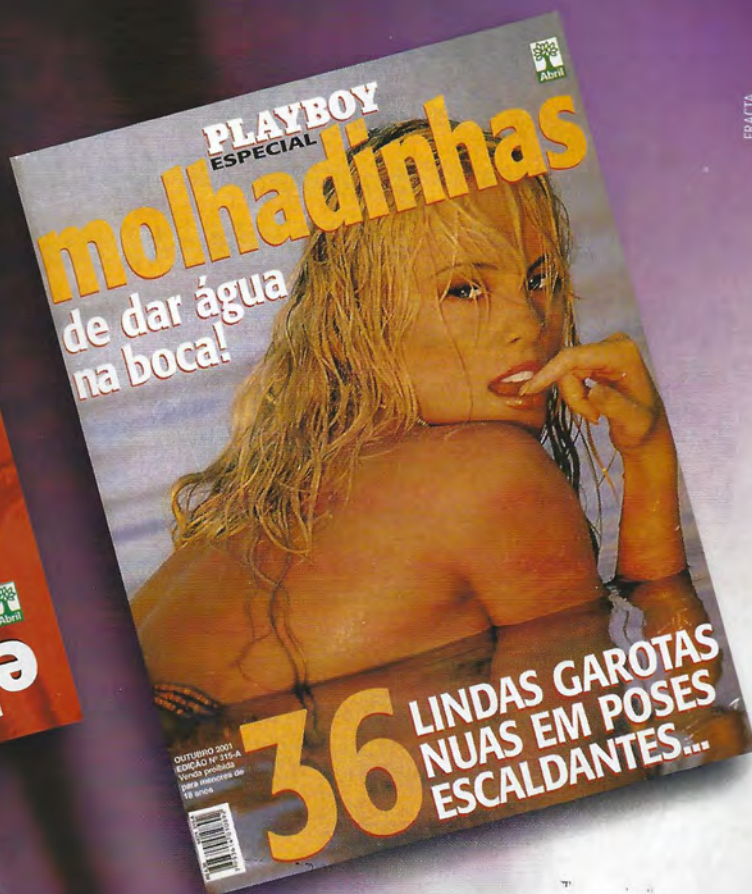
"NA NOITE DE 21 DE OUTUBRO, ZETTI PAROU O ATAQUE DO ROSARIO, A PONTO DE A IMPRENSA LOCAL, SEMPRE DESDENHOSA DOS GOLEIROS BRASILEIROS, ELEGÊ-LO O PERSONAGEM DA FINAL"

21/10/98 ARROYITO (ROSÁRIO)
ROSARIO-ARG 0 X 0 SANTOS
J: Ubaldo Aquino (Paraguai); **P:** 45 000; **CA:** Flores Coronel, Marra, Claudiomiro, Marcos Basílio, Eduardo Marques, Sandro, Athirson, Cuberas; **E:** Narciso 19 e Daniele 29 do 2º
ROSARIO CENTRAL: Buljubasich, Marra (Cappelletti), Gerbaudo, Cuberas e Jara; Hugo González (Ezequiel González), Daniele, Rivarola e Gaitán; Maceratesi (Ruíz) e Flores Coronel. **T:** Edgardo Bauza
SANTOS: Zetti, Ânderson Lima, Sandro, Claudiomiro e Athirson; Marcos Basílio, Narciso, Eduardo Marques e Élder; Rodrigão (Baiano) e Alessandro (Adiel). **T:** Emerson Leão

Athirson encara os argentinos, Leão festeja com Zetti: cenas de uma final

SANTOS CAMPEÃO PAULISTA 1984

EM PÉ: Rodolfo Rodríguez, Gilberto, Márcio, Toninho Carlos, Chiquinho, Toninho Oliveira e Dema; **AGACHADOS:** Gersinho, Lino, Paulo Isidoro, Serginho, Humberto e Zé Sérgio

RONALDO KOTSCHO

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro